

FILOSOFIA, PSICOLOGIA E PSIQUIATRIA: A INCONSISTÊNCIA DO MODELO MECANICISTA DA *PSIQUE*. INCONSCIENTE E DIALÉTICA NA *ANTROPOLOGIA* DE HEGEL: ESBOÇO DE UMA *FILOSOFIA DA PSICOLOGIA*.

PHILOSOPHY, PSYCHOLOGY AND PSYCHIATRY. THE INCONSISTENCY OF *PSYCHE* MECHANICIST MODEL. UNCONSCIOUSNESS AND DIALECTICS ON HEGEL'S *ANTHROPOLOGY*: AN OUTLINE FOR A PHILOSOPHY OF PSYCHOLOGY.

RUI GABRIEL DA SILVA CALDEIRA¹

Resumo: Partindo de definições de Filosofia, Psicologia e Psiquiatria procura-se mostrar que na *Antropologia* de Hegel há a) a resolução do dualismo clássico corpo/mente, b) uma resposta ao problema dos universais, c) uma filosofia da corporalidade que compreende um inconsciente pulsional que – *sui generis* do pensamento de Hegel – através do trabalho dialético da razão é integrado na estrutura da psique. Finalmente, d) partindo da liberdade dialético-especulativa imanente ao Espírito e das investigações contemporâneas comprova-se a irreducibilidade da vida da consciência, e a Loucura, ao modelo mecanicista bio-psicofarmacológico que caracteriza o essencial da Psicanálise e da Psiquiatria.

Palavras-chave: Hegel, Thomas Szasz, Consciência, Inconsciente, Antropologia, Espírito, Subjetividade, Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise, Dialética, Mente, Desordem Mental, Psíquico, Psicotrópico, Anti-psiquiatria, Depressão, Esquizofrenia.

Abstract: Taking into account brief definitions of Philosophy, Psychology and Psychiatry, the present article seeks to demonstrate that Hegel's *Anthropology* a) solves the classic body/mind dualism, b) gives a comprehensive answer to the query of the *Universals*, c) already conceives a philosophy of cor-

Résumé: En partant de définitions de Philosophie, Psychologie et Psychiatrie on recherche à démontrer que dans l'*Anthropologie* de Hegel il y a a) la résolution du dualisme classique corps/esprit, b) une réponse au problème des universels, c) une philosophie de la corporalité que comprend un in-

* Doutor em Filosofia; membro do CECHUC; e-mail: ruigabriel1003@gmail.com

porality within which lies an impulsive unconsciousness integrated in psyche's structure by means of reason's dialectical work, *sui generis* in Hegel's way of thinking. Finally, d) in view of the dialectic-speculative freedom immanent to Spirit, along with contemporary investigations, it shows that consciousness and madness are not reductive to bio-psychopharmacological mechanistic model that supports Psychiatry and Psychoanalysis's essential.

Key-words: Hegel, Thomas Szasz, Consciousness, Unconsciousness, Anthropology, Spirit, Subjectivity, Psychology, Psychiatry, Psychoanalysis, Dialectics, Mind, Mental disorder, Psychic, Psychotropic, Anti-psychiatry, Depression, Schizophrenia.

conscient pulsionnel que – *sui generis* de Hegel – grâce au travail dialectique de la raison est intégré dans la structure psychique. Finalement, d) la liberté dialectique-spéculative de l'Esprit et les investigations contemporaines confirment l'irréductibilité de la vie de la conscience, et la Folie, au modèle mécaniciste bio-psychopharmacologique qui caractérise l'essentiel de la Psychanalyse et de la Psychiatrie.

Mots clés: Hegel, Thomas Szasz, Conscience, Inconscient, Anthropologie, Esprit, Subjectivité, Psychologie, Psychiatrie, Psychanalyse, Dialectique, Esprit, Trouble Mental, Psychique, Psychotrope, Antipsychiatrie, Dépression, Schizophrénie.

Acaso não verificamos no nosso próprio pensar e investigar que os nossos problemas nos levam inevitavelmente a concepções que, para nosso assombro e para surpresa do mundo contemporâneo, reconhecemos serem motivos já pensados por Hegel?²

1. A Filosofia, a Psicologia e a Psiquiatria. A mente e a querela sobre o conceito de desordem mental³

Tendo em consideração o crescimento exponencial da oferta de serviços com carácter médico por parte das ciências da *psique* – Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria –, a superabundância do consumo de drogas psicotrópicas a nível mundial⁴, especialmente a sua extensão à pediatria, a moldagem psi-

² Nicolai Hartmann, *A Filosofia do Idealismo Alemão* (Lisboa: F.C.G., 1983), 294.

³ Prefiro o termo *desordem mental*. Reservo a expressão *doença mental* para a disfunção das capacidades mentais consequente a afetação anátomo-fisiológica das vias neuronais causada diretamente, quer por doenças neurológicas, como a Demência, a doença de Alzheimer ou de Parkinson, quer por sequelas decorrentes de agressões físicas ou químicas, como acontece com a ingestão prolongada de psicotrópicos.

⁴ Carlos Pires, *E quando o rei vai nu: os problemas e as vítimas das drogas psiquiátricas* (Leiria, Ed. Diferença, 2003), 29: "A cultura farmacológica [...] está disseminada

cológica promovida nos conceitos de culpa, responsabilização, ou rejeição, a necessidade de clarificar o que seja uma “doença” da mente, os efeitos malignos dos psicotrópicos no tecido nervoso e as suas consequências diretas nas relações pessoais de todos e cada um, no imediato, amanhã, nos próximos anos, no seio familiar e social, enfim, a falta de contraditório ao nível da comunicação social, torna o tema urgente e merece da Filosofia, universal epistemológico, uma apreciação. O presente texto pretende encarnar esta exigência. Começa por apresentar as várias ciências que se dedicam ao desequilíbrio psíquico, enfoca e rejeita o princípio orientador clínico da Psiquiatria, Psicologia clínica e Psicanálise, o mecanicismo, quer biológico, quer psicológico, e mostra a controvérsia em torno do conceito de *doença mental*. *Mecanicismo* é o modelo explicativo “derivado da nova física de Galileu, Descartes e Newton. De acordo com este paradigma, a causa de um evento não é o seu objetivo ou a sua causa final, mas a sua causa eficiente, algum acontecimento anterior no tempo. [...] levou a uma conceção matemática da natureza”⁵. Procuro, depois, refutar o modelo médico subjacente às terapêuticas psicotrópicas dominantes para finalmente apresentar uma solução de caráter antropológico tendo como base a conceção de desequilíbrio psíquico e de desordem mental, daí decorrente, que G.W.F. Hegel apresentou na primeira conformação do Espírito Subjetivo na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio*⁶, a *Antropologia*; neste trecho, que marca a

na nossa sociedade”. Veja-se ainda, relativamente ao uso excessivo de psicotrópicos, a página 64 onde o Professor Carlos Pires mostra como o consumo de neurolépticos praticamente duplicou entre 1995 e 2001 e os encargos para o sistema nacional de saúde aumentaram 418,47%! Uma notícia do Diário Digital (http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=657773), acedido em 15/10/2016, refere que em 2013, por exemplo, entre janeiro e agosto, os portugueses compraram cerca de 75 mil embalagens de psicotrópicos por dia – antidepressivos, sedativos, anti-psicóticos, estabilizadores do humor, hipnóticos –, perfazendo um total de cerca de 18 milhões de embalagens em 7 meses. Os textos do Professor Carlos Pires permitem a qualquer cidadão aprofundar este tema e constituem um itinerário bibliográfico claro, rico e completo. Veja-se ainda no texto de Héctor Pardo e Marino Alvarez, *La invención de los trastornos mentales* (Madrid: Alianza Editorial, 2007) que, em Espanha, por exemplo, de 1994 a 2003 o consumo de antidepressivos triplicou, de cerca de 7 milhões para perto de 21 milhões de embalagens por ano.

⁵ Frederick Beiser, “The Enlightenment and idealism”, in *The Cambridge companion to German idealism*, ed. Karl Ameriks (Cambridge: C.U.P., 2000), 19: “The Enlightenment had a specific paradigm of explanation, namely mechanism, which it derived from the new physics of Galileo, Descartes, and Newton [...] the laws of mechanism are quantifiable [...] led to a mathematical conception of nature”.

⁶ Segundo Hegel, o espírito humano, relativamente à experiência vivida, passa por três principais configurações ontológicas até se conhecer absolutamente. O filósofo apresenta-as na *Enciclopédia*: (1) Espírito Subjetivo, (2) Espírito Objetivo e (3) Espírito Absoluto. Na fase subjetiva, o espírito é (1) implícito ou imediato (em-si, *an sich*), alma

transição filosófica da Natureza para o Espírito, o génio de Hegel chega à raiz da loucura, que é o antecedente comum de todas as formas de desordem mental: rutura intrapsíquica com consequente bloqueio da capacidade compreensiva.

À medida que lemos a *Antropologia* de Hegel, a relação com as ciências da psique torna-se mais e mais nítida e, porque mostra a arqueo-onto-embriogénese da consciência, permite-nos hoje, simultaneamente rejeitar a tese bio-psico-farmacológica que subjaz à Psiquiatria e elaborar uma solução. Alguns investigadores dedicaram-se a esta secção da filosofia hegeliana e deixaram-nos um testemunho inequívoco daquela relação. Segundo Daniel Berthold-Bond, “na *Antropologia* [...] Hegel constrói uma sofisticada ontologia da desordem mental”⁷; no entender de Darrel Christensen, relativamente à exploração da profundidade da mente e aos primórdios da Psicanálise, “temos uma dívida muito substancial para com Hegel”⁸; para Jon Mills, na *Antropologia* “a alma inconsciente [...] entra em oposição com a sua corporalidade natural e eleva a sua estrutura inconsciente até à forma de Ego [...], assim, a alma torna-se simultaneamente o *locus* da saúde mental e da psicopatologia”⁹; para Nathan Fialko, “a teoria de Hegel sobre a insanidade é completa”¹⁰.

A *Antropologia* de Hegel deve ser compreendida, não como um acontecimento, mas como um processo, o da formação e nascimento da consciência. Nele, o espírito ainda inconsciente vê-se envolvido numa luta, no seio da vida mental, entre a racionalidade que começa a despontar, a capacidade

ou espírito-natural – estudado na *Antropologia* (§§ 388-412) –, (2) *para-si* (*für sich*) ou, na sua particularização, consciência – estudado na *Fenomenologia* (§§ 413-439) –, e (3) determinado em-si-para-si (sujeito para si), objecto de estudo da *Psicologia* (§§ 440-482). A edição de referência é a de 1830.

⁷ Daniel Berthold-Bond, *Hegel's theory of Madness* (Nova Iorque: S.U.N.Y. Press, 1995), 5: “(...) Hegel works out a sophisticated ontology of mental derangement (...)”.

⁸ Darrel Christensen, “Hegel's Phenomenological Analysis and Freud's Psychoanalysis”, *International philosophical quarterly* 8, 3 (1968), 357: “(...) the roots of psychoanalysis (...) Hegel, to whom a very substantial debt is owed (...)”.

⁹ Jon Mills, “Dialectical Psychoanalysis: Toward Process Psychology”, in *Psychoanalysis and Contemporary Thought* 23, 3 (2000), 24-25: “The unconscious soul undergoes development through its own dialectical division, projections, and reconstitutions as the mediated process of sublation, entering into opposition with its natural corporeality and elevating its unconscious structure to the form of ego. Thus ego development is constituted through unconscious process. [...] While the unconscious soul is sublated as ego, it nevertheless remains a repository for lost, alienated, or conflicted shapes of spirit. Therefore, the soul becomes the locus in both mental and psychopathology”.

¹⁰ Nathan Fialko, “Hegel's view on mental derangement”, in *Journal of abnormal and social psychology* (1930) 262.

objetiva, e a vida das pulsões e dos instintos do corpo, a vida subjetiva¹¹. Durante este estágio, o espírito procura dominar a natureza pulsional, que nesta fase tem ascendente ontológico, para edificar consciência. Este tópico é precisamente o *leitmotiv* que ocupou os estudiosos da tradição psicológica, psiquiátrica e psicanalítica. Podemos testemunhá-lo com Freud para quem a psicanálise “parte de um suposto básico cuja discussão pertence ao pensamento filosófico”, no qual, “o Eu [...] face à interioridade, conquista o domínio sobre as exigências dos instintos”¹².

O vínculo da Filosofia, especificamente a hegeliana, com o quotidiano prático, neste caso, a ligação à psiquiatria, é o que o artigo procurará mostrar: tal como “a ciência não é um mero aglomerado de factos [...] a filosofia, similantemente, não pode agir num mundo sem factos”¹³; está conectada a eles e, compreendendo-os, torna-os especialmente humanos. Sendo o homem um agente intencionado, a Filosofia, marca antropológica por excelência, é natural e intrínseca à existência diligente, participa diretamente no agir. Ela é a autoconsciência do ânimo humano.

Ensaaiemos uma definição de Filosofia tendo como base orientadora a conceção que dela faz o “filósofo do Espírito”¹⁴, G.W.F. Hegel, para quem o humano, ser espiritual, “é interioridade, plenitude, amplitude”¹⁵. Nesta ótica, Filosofia e Espírito são inexorável e naturalmente intrincados: a primeira

¹¹ A subjetividade, para distinguir, é a ação de se conceber a si do espírito no caminho para a formação de consciência e a consequente maturidade ou consubstanciação ontológica adquirida nesse processo. É o agir e o autoproduzir-se da personalidade do espírito, isto é, a determinação do *conceito*.

¹² Sigmund Freud, *Esquema del Psicoanálisis* (Madrid: Ed. Debate S.A., 1998), 19 e 23: “El psicoanálisis parte de un supuesto básico cuya discusión concierne al pensamiento filosófico [...] el yo [...] Hacia el interior, frente al ello, conquista el dominio sobre las exigencias de los instintos”.

¹³ William Fulford et al., *Oxford Textbook of Philosophy and Psychiatry* (Nova Iorque: Oxford University Press, 2006), 5: “science is not, merely, fact-gathering, whatever some scientists may think; philosophy, similarly, cannot proceed in a fact-free world, whatever its pretensions in that direction”. A confluência entre a Psiquiatria e a Filosofia que a tradição anglo-saxónica tem vindo a desenvolver nas últimas décadas não cabe neste artigo; é essencialmente um esforço para promover a autorreflexão e reabilitação no seio da Psiquiatria ao mesmo tempo que integra o próprio movimento antipsiquiátrico. Aqui, no entanto, irei manter a crítica à psiquiatria como um gesto independente, tendo como referência central o Professor Thomas Szasz, e concentrar-me-ei na *Antropologia* de Hegel onde encontro a reflexão mais profunda e o núcleo de todas as ciências da *psique*: o conflito intrapsíquico e a emergência da consciência cuja ligação à Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise é manifesta.

¹⁴ Hartmann, *A Filosofia do Idealismo Alemão*, 239.

¹⁵ *Ibidem*.

tem como objetivo fundamental conhecer o espírito que por sua vez tem a máxima expressão na Filosofia¹⁶.

Da definição clássica de *amor pela sabedoria*¹⁷, a Filosofia evolui com Hegel para uma conceção de conhecimento que autossatisfaz¹⁸ na medida em que realiza a necessidade do espírito, isto é, do homem. Sendo o saber “o estabelecer-se na verdade”¹⁹ e esta, a efetivação real do conceito do espírito, vem que a Filosofia, ciência do espírito, é o sistema que compreende a forma de reflexão do espírito sobre si a desenvolver-se livremente no mundo; ela é o sistema da razão que se capta a si mesma atingindo a forma mais genuína de si, ou seja, a *verdade*.

Apresentemo-lo de outro modo: a Filosofia é o modo através do qual a razão se concebe compreendendo o todo absoluto, isto é, o mundo integral, a natureza e o espírito. Na introdução que faz ao Espírito na *Enciclopédia*²⁰, Hegel diz que a Filosofia “se elevou à conceção do espírito como a atualização da Ideia apercebendo-se de si, o Conceito do espírito vivo diferenciando-se em si mesmo necessariamente”²¹. A compreensão filosófica revela-se, portanto, como o sistema do saber no elemento adequado, o científico, que faz conhecer a vida espiritual. A Ideia, por seu lado, a invés de ser uma representação abstrata, é *efetivação real*²². Vivendo “em” cada indivíduo, o filosófico “faz avançar a História”²³ e é biografia do todo, o Absoluto, espírito que se reconhece nesse processo que ele próprio realiza.

A Psicologia – consanguínea da Filosofia na medida em que a inter-relação entre a alma, o corpo e as atividades psíquicas são comuns (lembro

¹⁶ Michael Petry, *Hegel's Philosophy of subjective spirit, vol. 1: Introductions* (Holland: D. Reidel Publishing Company, 1979), § 377, nota de rodapé.

¹⁷ José Ferrater Mora, *Dicionário de Filosofia II* (Barcelona: Ariel, 1994), 1041.

¹⁸ Robert Pippin, *Hegel's Idealism: the satisfactions of self-consciousness* (Cambridge: Cambridge University Press, 1989), 57.

¹⁹ Manuel C. Ferreira, *Hegel e a justificação da Filosofia* (Lisboa: I.N.C.M., 1992), 12.

²⁰ G.W.F. Hegel, *Enzyklopädie der Philosophischen Wissenschaften*, III, Werke 10 (Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 2012), §§ 377- 387.

²¹ Ibidem, § 379-Z: “(...) des Geistes als der sich selbst wissen wirklichen Idee, zum Begriff des sich auf notwendige Weise (...)”.

²² Diogo Ferrer, *Lógica e realidade em Hegel, a ciência da Lógica e o problema da fundamentação do Sistema* (Lisboa: Centro de Filosofia, 2006), 488-489: “O espírito é definido por Hegel, intrinsecamente, como retorno a si da ideia a partir da sua exterioridade, e a totalidade do espírito é, em consequência, o quadro dessa passagem. O espírito não é principalmente uma faculdade mental pura, uma simples consciência, mas de um modo característico, constitui-se como a unidade estrutural de uma grande diversidade de fenómenos, individuais, sociais, históricos, culturais ou antropológicos (...)”.

²³ Hegel, *Enzyklopädie*, § 381-Z.

que o “De anima de Aristóteles é um dos primeiros escritos sistemáticos sobre Psicologia”²⁴) – é a atualização terapêutica da Filosofia que, cientificamente capacitada, se autonomizou. Trata-se de uma ciência que, para melhor compreender a pessoa, se dedica aos processos interiores e exteriores que influenciam o comportamento. Os psicólogos, essencialmente, fazem investigação e agem terapeuticamente sobre indivíduos mental e emocionalmente desestruturados.

A Psiquiatria, também ela um particular – dado que possui conceitos e lógica conceptual –, mas não uma atualização da Filosofia, é uma disciplina integrada na Medicina precisamente pela objetividade biológica com que explica o sofrimento psíquico. Parte do princípio de que a desordem e o sofrimento mental resultam de um desarranjo fisiológico e que, portanto, são condições médicas tal como a diabetes ou a disfunção renal²⁵.

Catorze anos depois da primeira definição oficializada de “doença mental” (1980), na quarta edição do texto oficial da Psiquiatria mundial, o D.S.M.²⁶, a *American Psychiatric Association* (APA) acentuou a ambiguidade que o caracteriza afirmando que apesar da definição de “doença” mental estar dependente e *referida a* “indicadores” tais como “angústia”, “descontrolo”, “irracionalidade”, “deficiência”, “síndrome” ou “incapacidade”, “tem de admitir-se que nenhuma definição estabelece adequadamente os contornos do conceito de ‘desordem mental’”²⁷. Podemos, no entanto, definir a disciplina em termos práticos “como o ramo que lida com as ‘doenças mentais’ (atualmente chamadas ‘desordens psiquiátricas’)”²⁸ e que habita a seguinte circularidade conceptual: *o psiquiatra é alguém que diagnostica e trata as desordens psiquiátricas que, por sua vez, são as condições diagnosticadas e tratadas pelos psiquiatras*²⁹.

²⁴ Mora, Dicionário de Filosofia III, 2410. A relação entre Aristóteles e Hegel é conhecida. Não a irei desenvolver por não caber neste artigo.

²⁵ Tom Burns, *Psychiatry, a very short introduction* (Nova Iorque: Oxford University Press, 2006), ix: “The current preference is for emphasizing that psychiatry is ‘just another branch of medicine’ like cardiology or oncology. In part this is to try and make psychiatry properly respectable by highlighting its scientific credentials, its commitment to precise diagnoses and evidence-based treatments, increasing its status within medicine and in society generally”.

²⁶ American Psychiatric Association, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, (Washington: A.P.A., 1980). As edições oficiais são de 1952, 1968, 1980, 1994 e 2013.

²⁷ American Psychiatric Association, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, (Washington: A.P.A., 1994), xxxi: “Although this manual provides a classification of mental disorders, it must be admitted that no definition adequately specifies precise boundaries for the concept of ‘mental disorder (...)’”.

²⁸ Burns, *Psychiatry*, 5: “Within medicine, psychiatry is simply defined as that branch which deals with ‘mental illnesses’ (nowadays often called ‘psychiatric disorders’)”.

²⁹ Ibidem, 6: “there is a marked circularity about this (‘a psychiatrist is someone

Tanto a Psicologia clínica³⁰, como a Psiquiatria e a Psicanálise – método de análise e diagnóstico mental baseado na noção de que todos os atos humanos (desde a escolha de uma refeição à preferência por uma peça musical) são decretados por um motivo ou entidade da profundidade psíquica cuja repressão provoca inexoravelmente um estado designado *neurótico* – têm como base de suporte o modelo médico que se apoia no pensamento causal: o que acontece na vida mental, um pensamento, um sentimento, uma intenção ou uma atitude que vise uma ação, obedece a um mecanismo biológico ou narrativo-sentimental prévio, pré-determinado por leis fixas, ou seja, por uma causa eficiente; eis o mecanicismo.

Relativamente à noção de *mente*, tendo como fundação filosófica o sistema hegeliano cuja essência é a liberdade, concebemo-la não como uma abstração epistemológica ou uma instância jurídica transcendente produzida no intelecto, mas como ritmo basal da percepção intelectual de si do homem, “realidade mental”: o todo dinâmico em auto-constituição “psique, consciência e inteligência, todos eles envolvendo vida, mas não se reduzindo a ela”³¹. Hegel oferece-no-la na primeira fase da vida do Espírito, o Espírito Subjetivo. Ensina-nos o essencial sobre a vida mental: *autoconhecimento, conhecimento de objetos, conhecimento dos outros*, conteúdos que aprofundou respetivamente na *Antropologia, Fenomenologia e Psicologia*³². É precisamente nos primórdios da vida mental, durante a relação conflituosa do humano consigo mesmo, da qual nascerá a consciência – a essência filosófica do espírito na sua fase antropológica –, que Hegel situa a loucura (*Verrücktheit*): o espírito matura conhecendo-se durante o esforço por se libertar do jugo das pulsões naturais que, por sua vez se lhe opõem ativamente na medida em procuram usurpar a função da consciência. A superação deste estágio é essencial para que o espírito evolua para os estágios mais maduros e livres; o primeiro, que surge assim que esse antagonismo interior se resolve, é a edificação da consciência.

Na disputa contemporânea sobre o conceito de *doença mental*, que já se tornou um clássico da Filosofia contemporânea, as posições que se opõem radicalmente e servem de limites conceptuais são (1) a tese orgânica

who diagnoses and treats psychiatric disorders’, ‘psychiatric disorders are those conditions which are diagnosed and treated by psychiatrists’”.

³⁰ Pardo e Alvarez, *La invención*, 20. Designemos assim também o género de Psicologia que reduz as explicações dos transtornos mentais ao modelo médico causal.

³¹ Richard Winfield, *Hegel and mind: rethinking philosophical Psychology*, (U.K.: Palgrave Macmillan, 2010), 5: “(...) Hegel conceives mental reality involving three successively determined processes: the psyche, consciousness, and intelligence, all of which involve life, but are not reducible to it”.

³² Ibidem, 1-3.

defendida por autores como Robert Kendell³³ e Christopher Boorse³⁴, e (2) a conceção ético-moral e linguística de Thomas Szasz³⁵. De acordo com os primeiros, a desordem mental é uma condição biológica, uma doença orgânica (Kendell) – na esteira dos fundadores da psiquiatria biológica, Griesinger, Kraepelin, Charcot ou Breuer – que provoca disfunção (Boorse). Exemplifiquemos a dinâmica deste ponto de vista mediante a categoria psiquiátrica mais conhecida no universo infantil, a *Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção (Hiperatividade)*: na nosologia psiquiátrica, o “excesso de atividade” das crianças assenta na explicação de que há uma disfunção biológica cerebral; desse modo, o “tratamento” de uma criança, de modo a adquirir padrões de normalidade neurofisiológica e por consequência comportamental, é a psicoterapia mediante a ingestão de metilfenidato, o psicotrópico oficial que supostamente compensará o hipotético defeito fisiológico.

O outro lado da querela tem como protagonista Thomas Szasz para quem o conceito de desordem mental, veiculado pela Psiquiatria oficial, *desumaniza o indivíduo*³⁶. No célebre texto “The myth of mental illness, foundations of a theory of personal conduct” que o imortalizou como impulsionador do movimento nascido nos anos 50 e 60 do século XX conhecido como *Anti-Psiquiatria*, Szasz define a Psiquiatria como “ciência teórica que consiste no estudo da conduta pessoal. Preocupa-se em descrever, clarificar, explicar o tipo de jogos que as pessoas jogam umas com as outras e consigo próprias; como aprenderam estes jogos; porque gostam de os jogar; que circunstâncias favorecem que se continue a jogar jogos antigos ou a aprender novos”³⁷.

³³ Robert Kendell, “The concept of disease and its implications for psychiatry”, in *British Journal of Psychiatry* 127 (1975), 305-315.

³⁴ Christopher Boorse, “What a theory of mental health should be”, *Journal of Theory and Social Behaviour*, 6 (1976), 61-84.

³⁵ O número de investigadores sobre o tema da crítica à Psiquiatria é imenso. Conheço os seus trabalhos, mas por uma questão de objetividade não os posso apresentar. A tarefa seria gigantesca e em vez de clarificar contribuiria para um esoterismo obscuro infundável. Sublinho Thomas Szasz porque foi o primeiro grande crítico e impulsionador de uma consciencialização a quem a própria Psiquiatria deve capacidade autocrítica. Ele é a figura central deste movimento. Cito ainda Carlos Pires, o primeiro em Portugal a denunciar a inconsistência da Psiquiatria.

³⁶ Thomas Szasz, *The myth of the mental illness: foundations of a theory of personal conduct* (Nova Iorque: Harper Collins Publishers, 2010), xiv.

³⁷ Ibidem, 8: “(...) psychiatry, as a theoretical science, as consisting of the study of personal conduct. Its concerns are therefore to describe, clarify, and explain the kinds of games people play with each other and with themselves; how they learned these games; why they like to play them; what circumstances favor their continuing to play old games or learning new ones”.

Para este psiquiatra e professor de psiquiatria, esta disciplina devia preocupar-se com o tipo de relações que as pessoas têm entre si e como esses jogos do existir constroem o modo de viver. Para ele, em consequência, *a conceção de que a desordem mental é uma doença do mesmo género que a diabetes é falsa, por isso a Psiquiatria é como a alquimia ou a astrologia, uma pseudociência. Não existe ‘doença mental’*³⁸: “a reivindicação de que ‘as doenças mentais são desordens do cérebro diagnosticáveis não tem sustentação científica; é uma mentira, um erro, ou um revivalismo da premissa somática da teoria nosológica dos humores há muito desacreditada. A minha reivindicação de que as doenças mentais são doenças ficcionais também não é baseada em investigação científica; apoia-se na definição materialista-científica de doença como alteração patológica das células, tecidos e órgãos. Se aceitarmos esta definição de doença resulta que doença mental é uma metáfora [...] é intuitivamente óbvio que não existe a coisa doença da mente”³⁹; não é uma condição orgânica ou *um problema médico*⁴⁰, *é uma falsidade que faz parte do sistema de crenças que alimentam as sociedades*⁴¹. Segundo Szasz, é “propaganda médico-política”⁴² cujo objetivo é acumular estatuto e poder por parte do corporativismo instalado.

Relativamente às pessoas cujas atitudes possam constituir motivo para serem diagnosticadas como doentes mentais, devemos perceber que o quotidiano que experimentaram e o modo como o interpretaram e integraram psicologicamente, tiveram razões “que precisam ser compreendidas; não podem ser tratados ou curados com drogas ou outras intervenções médicas, mas devem ser ajudados a ajudarem-se a si mesmos a superar os obstáculos que enfrentam”⁴³. Precisamente o que veremos na ideia de restabelecimento psíquico, com Hegel.

³⁸ Ibidem, I.

³⁹ Ibidem, xii -xiii: “the claim that ‘mental illnesses are diagnosticable disorders of the brain’ is not based on scientific research; it is a lie, an error, or a naive revival of the somatic premise of the long-discredit humoral theory of disease. My claim that mental illnesses are fictitious illnesses is not based on scientific research; it rests on the materialist-scientific definition of illness as a pathological alteration of cells, tissues, and organs. If we accept this scientific definition of disease, then it follows that mental illness is a metaphor (...) it is intuitively obvious that there is no such thing as a disease of the mind (...)”.

⁴⁰ Ibidem, xiii.

⁴¹ Ibidem, xiv.

⁴² Ibidem, xiii.

⁴³ Ibidem, xviii: “Diseases of the body have causes, such as infectious agents or nutritional deficiencies, and often can be prevented or cured by dealing with these causes. Persons said to have mental diseases, on the other hand, have reasons for their actions that must be understood; they cannot be treated or cured by drugs or other medical interventions, but may be helped to help themselves overcome the obstacles they face”.

Nesta perspetiva, a desordem mental, a não ser nos casos de défice ou dano neurológico, não pode reduzir-se a explicações biológicas. Devemos considerar uma importante dimensão psicossocial que começa na relação do homem consigo mesmo. A desordem mental mostra ser afinal, principalmente, um desequilíbrio da capacidade compreensiva do homem, na forma como se autoestrutura, integra e se procura realizar no mundo que habita. A persistência desse estado de descontrolo conduz a instabilidade e rutura psíquica com sofrimento pessoal extremo.

2. As razões da Antipsiquiatria: desacreditação nosológica e psico-fármacos

Afrontado por uma vaga de críticas e principalmente pelos textos de Thomas Szasz, o sistema que dominava, e ainda domina, o mundo médico, científico, académico⁴⁴ e literário-jornalístico do fenómeno do sofrimento mental, a *Associação Americana de Psiquiatria*, vinte e oito anos depois da primeira edição (1952), apresentou finalmente uma definição de doença mental (1980). Nela, defende o modelo mecanicista que afirma que o desequilíbrio psíquico é um efeito resultante de uma *disfunção biológica*⁴⁵: uma pessoa fica mentalmente doente e comporta-se desadequadamente porque tem um defeito no “trabalhar” fisiológico do cérebro.

Corresponde em linguagem comum à noção de que falta uma substância nalgum circuito cerebral, facto que remete para a perceção de que aquela suposta substância deverá ser ministrada para que o transtorno se resolva (“cure”). Este é o paradigma médico psico-farmaco-biológico e justifica que sentimentos como a ansiedade ou a tristeza, que claramente possuem uma dimensão mundana, sejam explicados como sintomas/doenças somáticas.

O exemplo típico de comparação, por parte da psiquiatria, é a diabetes: a falta de um componente no cérebro provoca ansiedade tal como a carência de insulina⁴⁶ e o consequente excesso de açúcar no sangue (hiperglicemia)

⁴⁴ Peter Breggin, *The antidepressant fact book* (Cambridge: Perseus Book Group, 2001), 3.

⁴⁵ A.P.A., D.S.M.-III, 6: “In D.S.M.-III each of the mental disorders is conceptualized as a clinically significant behavioral or psychological syndrome or pattern that occurs in an individual and that is typically associated with either a painful symptom (distress) or impairment in one or more important areas of functioning (disability). In addition there is an inference that there is a behavioral, psychological, or biological dysfunction, and that the disturbance is not only in the relationship between the individual and the society”.

⁴⁶ A diabetes tipo 1 carece de insulina enquanto que o tipo 2 caracteriza-se pelo facto de a insulina existente não atuar normalmente, isto é, não faz a glicose entrar nas células que, assim, se acumula no sangue (hiperglicemia).

produzem fraqueza generalizada acompanhada de problemas como a impotência sexual ou a patologia retiniana/cegueira.

É um modelo atomista e determinista que, no apogeu teórico, desconsidera totalmente a importância do contexto em que vive o sujeito⁴⁷. Assim, a escolha e o agir livre do indivíduo ficam reduzidos a reações biológicas, físico-químicas. Nesta perspetiva, o sofrimento existencial passa a equivaler a *doença*. Eis o cerne da problemática. No entender de Thomas Szasz, os psiquiatras traduzem as narrativas de sofrimento pessoal para metabolismo biológico, isto é, o existir sofrido sofre uma conversão epistemológica: *salta do psíquico para orgânico*⁴⁸.

Carlos Pires, que tem vindo a denunciar as incongruências do modelo psiquiátrico nos últimos quinze anos, dá uma explicação esclarecida e cabal sobre o mecanismo epistemológico que sustenta o diagnóstico em psiquiatria: o cerne está na forma como o sofrimento pessoal, que tem claramente uma dimensão psicossocial, é homologado a patologia cerebral; na base desta conversão estão dois gestos quase impercetíveis: a) *as queixas reais das pessoas, sem que a dimensão psicossocial seja justamente valorizada, são substituídas* – traduzidas (como o afirmou Szasz⁴⁹) – *por critérios objetivos que passam a ser ‘o patológico’*⁵⁰, ganham um nome⁵¹ que é então comunicado ao paciente/familiares – falta de serotonina (nome: depressão) ou excesso de dopamina (nome: esquizofrenia), por exemplo – e b) um sistema de marketing farmacêutico descomunal a nível planetário⁵² assente num livro, o D.S.M., no qual *a descrição do sofrimento subjetivo é convertido em categorias nosológicas subtilmente endereçadas à psicofarmacologia*⁵³ cujos lucros⁵⁴ alimentam retroativamente todo o sistema.

O caso do Prozac® é paradigmático. Trata-se de um psicofármaco – causador de gravíssimos efeitos sistémicos – publicitado a nível mundial como medicamento maravilhoso, que chegou mesmo a ser designado por “pílula da felicidade”⁵⁵. Foi indicado oficialmente para tratar as desordens do humor, especificamente o fenómeno depressivo. O seu princípio ativo, a fluoxetina,

⁴⁷ É o chamado *materialismo eliminativo*.

⁴⁸ Szasz, *The myth*, 122.

⁴⁹ Ibidem, xii.

⁵⁰ Pires, *E quando o rei vai nu*, 38.

⁵¹ Szasz, *The myth*, 107-124. Ver também Ronald Laing, *The divided self* (Nova Iorque: Pantheon Books, 1960), 17.

⁵² Pardo e Alvarez, *La invención*, 39-54.

⁵³ Carlos Pires, *A Depressão não é uma doença: saiba porque a Depressão não é uma doença nem existem anti-depressivos* (Leiria, Ed. Diferença, 2002), 31-35.

⁵⁴ Carl Elliott, “Mental illness and its limits”, in *The Philosophy of Psychiatry*, org. Jennifer Radden (Nova Iorque, Oxford University Press, 2004), 431.

⁵⁵ Pires, *E quando o rei vai nu*, 137.

considerada uma panaceia universal, foi escolhida para “tratar” uma lista de categorias psiquiátricas entre as quais se encontravam a bulimia nervosa, a *psicose maniaco-depressiva* – rebatizada, uma primeira vez, com o nome de *doença bipolar* e agora para *transtorno afetivo bipolar*⁵⁶ –, o alcoolismo, a fobia social, a cleptomania, a enxaqueca, o stress pós-traumático, a esquizofrenia, o síndrome de Tourette, a tricotilomania ou mesmo a desordem disfórica pré-menstrual (uma categoria que, de tão inconsistente, originou conflitos científicos de tal modo graves que levaram à demissão de um elemento do comité da A.P.A., Paula Caplan). A fluoxetina é, no entanto, uma substância sucessivamente associada a centenas de tentativas de suicídio⁵⁷. Entre alguns efeitos dos antidepressivos – de sublinhar que não é correto falar de efeitos “principais” e “secundários” porque se trata de um juízo subjetivo; apenas: há efeitos – estão, como exemplo, dano cardiovascular, muscular, ósseo, destruição do próprio neurónio, agitação, tremores, ansiedade ou interferência no ciclo menstrual (que depois conduz as senhoras a consultas de ginecologia).

Apesar da omnipresença no quotidiano das sociedades contemporâneas, tanto as teses de fundo da nosologia psiquiátrica como os psicofármacos, têm sofrido consecutivos fracassos e remodelações. As primeiras teorias psiquiátricas sobre a desordem da mente firmaram-se na ideia de que um neurotransmissor estaria em falta ou em excesso. Por exemplo, a explicação da depressão era a de que se tratava de um défice de Noradrenalina ou Serotonina no cérebro; como não se comprovou, surgiu uma segunda tese que defendeu que o problema afinal estava numa proteína importante na comunicação nervosa, especificamente o recetor da neuro-transmissão. Mais tarde a explicação acabou por recair num campo infinito e ainda por explorar: que o desarranjo afinal é genético⁵⁸. O núcleo destas teses, porém, tem um ponto comum: o défice biológico é o responsável pelo sofrimento e pela desordem mental que daí advém e, portanto, estabelece-se como alvo terapêutico⁵⁹.

O raciocínio sobre a etiologia das categorias nosológicas passa por um roteiro intelectual comum. Os teóricos, primeiro, sublinham o sofrimento pessoal e parecem ensaiar uma explicação objetiva, racional, com significação existencial, sobre a natureza humana desse sofrimento onde acentuam

⁵⁶ Chamo a atenção para a associação, numa mesma categoria, dos termos “transtorno” e “doença”. A consequência, por parte dos leitores e ouvintes, é a equivalência de ambos quando, na verdade, têm significados diferentes. Na literatura psiquiátrica encontramos este fenómeno quando alguém usa, numa qualquer descrição nosológica, os termos “sofrimento” e “doença”.

⁵⁷ Pires, *A Depressão*, 90. Ver ainda Pires, *E quando o rei vai nu*, 158-162.

⁵⁸ Ibidem, 43-50.

⁵⁹ Pires, *O rei vai nu*, 37-42.

a universalidade do problema, facto que claramente tem efeito psicológico sobre os seus interlocutores (efeito Barnum); numa segunda camada do raciocínio, principalmente quando confrontados por factos que não encaixam na lei geral, a explicação cai na típica “há casos e casos”; depois, à medida que as questões se aprofundam, desembocam aos poucos e quase imperceptivelmente na mesma ideia: que talvez – entenda-se “tudo isto” – “esteja associado a um defeito numa proteína (e aí, quem é que vai questionar o médico?)”, num “metabolito de um determinado circuito metabólico” ou, como ultimamente está em voga, que se trata de “uma deficiência genética”. No fundo, redonda sempre na explicação de que se trata de uma condição médica sustentada nas leis da biologia. O raciocínio que o leitor ou ouvinte faz é o seguinte: as alucinações que um “esquizofrénico” tem e o pensamento “desordenado” que apresenta resultam de defeitos em substâncias produzidas em excesso ou em falta por órgãos com defeitos naturais; nesse prisma, não havendo nada a fazer para corrigir a tristeza, a falta de interesse pela vida ou os pensamentos negativos sobre si, o sujeito terá de consultar um psiquiatra para “repor” as substâncias em falta.

O fundamento da contestação a este modelo é o de que não é possível isolar o homem do mundo, isto é, o organismo biológico não pode ser “retirado” do contexto que habita e intervencionado à parte; do mesmo modo, não pode ser avaliado independentemente da relação auto-compreensiva, ou seja, da relação consigo mesmo do sujeito.

Interior à natureza psicossocial do fenómeno *desordem mental* faz parte um núcleo filosófico-antropológico fundamental: que a raiz do desequilíbrio da vida mental é intrapsíquica, interior à razão. Foi o que testemunhou S. Žižek acerca da filosofia de Hegel, que se trata de um fenómeno *interior à razão, no coração do cogito*⁶⁰, donde, a conceção de que o núcleo do conflito mental, numa primeira camada ontológica, está na relação do sujeito consigo próprio. Podemos comprová-lo no sentimento de insegurança ou na fragilidade emocional. São universais concretos.

O fenómeno depressivo, como exemplo de fragilidade emocional e desesperança, no entender de Peter Breggin, não é uma doença, é uma *reação natural, humana, num determinado contexto*⁶¹. Carlos Pires, por sua vez,

⁶⁰ Slavoj Žižek, *Less than nothing: Hegel and the shadow of dialectical materialism* (Londres: Verso, 2013), 333.

⁶¹ Breggin, *The antidepressant*, 17: “Depression is not a disorder that can be separated from the context in which people live and make choices”. Na nosologia psiquiátrica, a categoria *depressão* é classificada no grupo dos “distúrbios do humor”. Apesar de conhecer a sua descrição, não vou aprofundar nenhuma desordem mental como o fenómeno depressivo ou o sofrimento mental captado pela psiquiatria e classificado em categorias nosológicas como as desordens do humor, da ansiedade, desordens da personalidade ou

afirma que “até ao momento jamais foi provada uma tal causa biológica para os diversos tipos de depressão. As poucas exceções, isto é, em que existe um determinante biológico para a depressão, são justamente aquelas que resultam da toma prolongada de algumas medicações psicotrópicas, nomeadamente as benzodiazepinas”⁶².

Uma categoria nosológica que não pode ser esquecida quando debatemos sobre a desordem mental, precisamente porque o seu público-alvo são as crianças, é a já referida *Hiperatividade*. Uma comissão do estado alemão, a *Reclame Code Commissie*, obrigou a que os órgãos de comunicação social deixassem de anunciar que “a hiperatividade é uma doença neurológica ou uma disfunção do cérebro, considerando estas informações infundamentadas, enganosas e fraudulentas”⁶³, alegações que estão em sintonia com o que nos legou Peter Breggin, que não há nenhuma alteração no cérebro que comprove a entidade *Hiperatividade*, como se pode comprovar no texto “Vital information about Ritalin, and the ADHD movement”, no site www.antipsychiatry.org/ritalin.htm consultado em 11/10/2016. Além das questões de caráter científico há ainda a considerar a perigosidade do psicofármaco oficialmente designado pela A.P.A. para o seu “tratamento”, o metilfenidato; os seus efeitos são iguais aos de qualquer anfetamina e podem ser comparados, praticamente de igual para igual, com os da cocaína⁶⁴, razão pela qual nos Estados Unidos é uma droga de rua vigiada, não pelo regulador dos medicamentos, o F.D.A., mas pelo departamento que tutela o narcotráfico, o D.E.A.. O metilfenidato produz precisamente o contrário do que o que se propõe tratar: inatenção, hiperatividade e impulsividade. Como reação leva à formação de crianças robóticas, letárgicas e deprimidas, inclusive atrofia e atrasa o crescimento neurológico com a consequente supressão da autonomia criativa e capacidade de escolha.

Façamos uma breve incursão na vaca sagrada da Psiquiatria, a “esquizofrenia”, categoria nosológica propensa a erros de paralaxe diagnóstica⁶⁵.

fenómenos psicóticos – entre eles as difusas doença bipolar e esquizofrenia – porque aquilo que é nuclear é justamente conhecer e apresentar a raiz comum a todos: perda de capacidade (liberdade) dialético-racional ou especulativa para erigir consciência. Se o fizesse teria de apresentar também os diagnósticos diferenciais, facto que apenas contribuiria para obscurecer o texto. Para conhecer a descrição nosológica e clínica de cada uma das categorias psiquiátricas pode consultar-se qualquer um dos livros específicos para o tema que constam na bibliografia. Todos trazem as definições e as respetivas nuances nosológicas e clínicas

⁶² Carlos Pires, *A depressão e o seu tratamento psicológico* (Leiria: Ed. Diferença, 2004), 19. É irónico, mas na verdade, um dos efeitos das antidepressivos é justamente *depressão*.

⁶³ Pires, *E quando o rei vai nu*, 174-175.

⁶⁴ Ibidem, 33. Ver ainda as páginas 172-176.

⁶⁵ F. Jenner et al., *‘Esquizofrenia’, uma doença ou alguns modos de se ser humano?*

Segundo Lawrence Stevens, no texto “Schizophrenia, a nonexistent disease”, publicada no sítio *www.antipsychiatry.org* acedido em 11/10/2016, a categoria “esquizofrenia” não é uma doença, e para Kurt Schnider é uma *convenção*⁶⁶. Karl Jaspers, impulsor da psiquiatria mecanicista aqui criticada, apresenta-a de forma ambígua como *um processo psicótico de origem orgânica* (eis o modelo psicobiológico) *cujos acontecimentos biográficos e significativos não permitem compreender os sintomas que as pessoas apresentam*⁶⁷. Podemos sempre perguntar: se não se podem compreender os sintomas, então como se constrói o diagnóstico que é apresentado? A resposta de Jaspers é a de que *a causa é biológica*⁶⁸. Mas então, pergunta-se, deve o diagnóstico – e a respetiva terapêutica mediante fármacos com efeitos potentíssimos, não apenas no sistema nervoso central, mas em todo o organismo (coração, pulmões, intestino, rins, fígado), inclusive as consequências nefastas provadas que produz na estrutura neurológica e psíquica individual – ser aceite de modo totalmente passivo e reverente sem referência ao existir psicossocial?

A dimensão íntima psicossocial não pode ser descurada para compreender o problema e precisa ser difundida de modo a debater a etiologia e apurar a abordagem: que apesar de haver uma dimensão natural, é um fenómeno essencialmente psicológico⁶⁹, contextual e naturalmente reversível.

Tratando-se de uma realidade complexa, a perceção do que seja a desordem mental é muito sensível à forma como é comunicada. Num estudo que procura avaliar a que se refere a categoria *esquizofrenia*, o autor escreve assim (e veja-se como a linguagem usada de modo neutro obriga a uma compreensão mais depurada de preconceitos e verdadeira por parte do leitor): “neste capítulo iremos tratar das possibilidades e dos processos através dos quais poderemos tentar ‘compreender’ as pessoas que vêm sendo ‘diagnosticadas’ como ‘esquizofrénicas’”⁷⁰. Em vez desta frase o autor podia ter dito apenas que iria “tentar compreender os esquizofrénicos”. Se o fizesse permanecia comodamente dentro do *status quo* dominante que *negligencia os aspetos psicológicos e sociais da desordem mental*, portanto, aceitaria sem reservas que as psicoses, particularmente a “esquizofrenia”, são condições médicas explicadas bioquimicamente⁷¹.

(Lisboa, Ed. Caminho, 1992), 60.

⁶⁶ Kurt Schneider, *Klinische Psychopathologie*, 1955, in: Jenner et al., ‘*Esquizofrenia*’, 76.

⁶⁷ Jenner et al., ‘*Esquizofrenia*’, 52 e 58-66.

⁶⁸ Ibidem, 52.

⁶⁹ Hegel, *Enzyklopädie*, § 408-Z.

⁷⁰ Jenner et al., ‘*Esquizofrenia*’, 49.

⁷¹ William Fulford, “Praxis makes perfect: illness as a bridge between biological con-

A forma como cada qual se refere e compreende o sofrimento, quer o profissional de saúde, quer o indivíduo comum, é fundamental para a resolução do conflito interior⁷². Segundo Pardo e Alvarez, o psiquiatra é responsável por conduzir o sujeito em sofrimento a auto-psiquiatrizar-se, portanto, “do mesmo modo que as práticas clínicas podem ‘psiquiatrizar’ de forma indevida, podiam igualmente ‘despsiquiatrizar’ quando alguém estivesse comprometido com uma ‘psiquiatrização’ sem o ‘merecer’, e mesmo, em todos os casos. Para isso, o clínico teria de agir como o Pigmalião, empenhar-se em ajudar as pessoas a superarem-se. O papel do clínico, entenda-se, é decisivo na conformação do papel do paciente relativamente ao seu transtorno”⁷³. O texto de Jenner também faz a mesma crítica: “tal como a mitológica Medusa, que transformava em pedra todas as pessoas que ousassem olhar para ela, também a linguagem da ‘psicopatologia’ pode ‘fossilizar’ o paciente e (a outra face da mesma moeda) também o psiquiatra que não ousou encarar o ‘discurso real’ dos seus pacientes, preferindo empunhar o seu ‘Código de Definições de Rótulos’”⁷⁴.

Se nos referirmos ao sofrimento existencial/mental da perspectiva exclusiva da causalidade biológica perdemos a dimensão contextual e significativa do fenómeno e a consequente substância psíquica: “se adotarmos uma atitude de ‘senso comum’ relativamente à possibilidade de ‘compreensão’ do comportamento dos outros seres humanos, ficamos sempre sujeitos a perder grande parte da sua significância; é bom não esquecermos que, até ao surgimento de Freud na ‘cena psiquiátrica’, muitas das ações humanas consideradas hoje ‘compreensíveis’ (por exemplo, *lapsus linguae* e lapsos de memória, sintomas obsessivos e histéricos, etc.) eram vistos ora como acontecimentos casuais ora como sintomas ‘patológicos’ devidos a mecanismos causais localizados algures dentro do Sistema nervoso Central”⁷⁵. Assim, por oposição às explicações mecanicistas do sofrimento os problemas das *pessoas diagnosticadas como esquizofrénicas devem antes ser compreendidos em termos de contextualidade pessoal*⁷⁶.

cept of disease and social conceptions of health”, in *Theoretical Medicine* 14 (1993), 315. Um psicótico não possui nenhuma disfunção cognitiva ou alterações anatomo-fisiológicas, antes, exibe um desequilíbrio ao nível do agir, um problema da “razão prática”.

⁷² Laing, *The divided self*, 16-19.

⁷³ Pardo e Alvarez, *La invención*, 79. Trata-se de um tópico já estudado pelo logoterapeuta Viktor Frankl.

⁷⁴ Jenner et al., ‘Esquizofrenia’, 63-64. Ver ainda as páginas 77-81.

⁷⁵ Ibidem, 50.

⁷⁶ Ibidem.

3. Loucura, dialética e liberdade na Antropologia de Hegel

3.1 A dialética da vida psíquica e a germinação da subjetividade

Vale a pena explorar o essencial da *Antropologia* hegeliana: a capacidade interior para construir subjetividade e edificar consciência. Com isto compreendemos melhor o fenómeno da loucura e as formas de desequilíbrio psíquico daí decorrentes.

É na *Antropologia* que Hegel descreve o nascimento do primeiro homem do seu sistema, o primeiro passo da Filosofia do Espírito Subjetivo. Tudo o que acontece nesta fase da vida do espírito, a estruturação psíquica, potencialmente mutável, porque é essa a essência do espírito, subsistirá em todo o desenvolvimento ulterior. O espírito, portanto, antes de tudo, é ser humano, homem (ἄνθρωπος). Neste estágio, que na sua *Enciclopédia* está imediatamente a seguir à Filosofia da Natureza, Hegel mostra-nos o desenvolvimento da tempestuosa relação do espírito com os seus instintos naturais, que quer compreender, envolver, isto é, integrar na organização psicológica, ontológica, como determinações de si mesmo e não como um externo estrangeiro. Esta etapa é o processo da consciencialização imediata de si como um todo espírito corporalizado. No começo, desse modo, a infinita capacidade de ser acorda misturada na natureza; “vê-se” dependente das pulsões e dos instintos naturais e, inconsciente⁷⁷, inicia um processo de crescimento, psíquico, que culmina no aparecimento de uma representação de si, *Eu*, que por sua vez, refletindo sobre si todo, tem, nesse instante, consciência.

⁷⁷ Existe uma imensa literatura filosófica sobre o tema do inconsciente e da natureza pulsional do homem que não cabe neste texto. Vai de Blumenbach a Freud, passa por Kant e pelo Romantismo. É um itinerário filosófico gigantesco. Se entrar nesta área complico em vez de simplificar. Vou apenas dedicar-me a Hegel por três razões: a primeira é porque ele atinge o núcleo último do fenómeno da desordem mental sem tornar a explicação complicada, segundo porque foi ele que construiu uma nosografia e uma nosologia da desordem/doença mental, e a terceira é porque aprofunda, mas supera integrando (*Aufhebung*) num todo, Espírito, a objetividade racional e o irracional pulsional. Para o filósofo, o inconsciente corporal é absolutamente fundamental para a vida do espírito, no entanto, não tem primazia ontológica. A significação não provem diretamente do mundo ou dos instintos corporais, é mediada pelo trabalho dialético do conceito do espírito, ou seja, pela capacidade racional do homem. É o que, segundo Hegel, permite ultrapassar a conflitualidade intrapsíquica que caracteriza a loucura e erigir consciência. Relativamente à tradição da corporalidade pulsional pode consultar-se, por exemplo, Fernando Álvarez, *Veredas del espíritu: de Hume a Freud* (Barcelona: Ed. Herder Editorial, 2007) ou o texto de A. Gode-Von Aesch, *El Romanticismo alemán y las ciencias naturales* (Buenos Aires: Espasa Calpe 1947).

A racionalidade intrínseca deste processo maturativo, que corresponde à necessidade íntima do *conceito* do espírito em se produzir a si mesmo, a necessidade antropológica por excelência, o ser espírito, é a lógica deduzida por um observador externo, cujo processo principal, interior, é a dialética, a comunhão racional que concebe as determinações da subjetividade do espírito no seio da substância indeterminada universal, a natureza corporal. Este é o ponto de partida para uma *Filosofia da Psicologia*.

A dialética, assim, é o trabalhar da razão e faz acontecer a subjetividade, isto é, o devir sujeito do espírito, que nesta fase onde a vida psíquica se começa a organizar, se experimenta a si mesmo imediatamente (daí o espírito ser *subjetivo*), vive-se e começa a conhecer-se como ser corporal dependente das necessidades fisiológicas.

A luta entre a subjetividade, ou racionalidade nascente, e o irracional das pulsões do corpo, que conduz à comunhão, passa primeiro, como vimos acima, por uma fase de conflito intrapsíquico que, no seu apogeu, se chama loucura (*Verrücktheit*); superada esta fase, o espírito atualiza-se como consciência, conformação que determinará, remediavelmente, toda a existência humana por vir.

Podemos, assim, entender a dialética hegeliana como a energia do pensamento ou o ânimo da vida mental que faz progredir e consolidar cada conformação ontológica que o espírito adquire, não apenas durante esta fase inaugural, mas até vir a ser Espírito Absoluto: “chamo dialética ao princípio motor do conceito, que não só dissolve, como também produz as particularizações do universal”⁷⁸. Ela é a força da subjetividade.

É precisamente a capacidade e liberdade dialética que está no cerne da loucura. A sua restrição impede a constituição de um “sentido” ou de uma “ordem simbólica”, logo, promove o desequilíbrio psíquico. Do mesmo modo, o seu restabelecimento soluciona-o. Nas palavras de Jon Mills, “a dialética é a essência da vida psíquica, e se fosse repelida, os processos conscientes e inconscientes evaporar-se-iam”⁷⁹.

O fulcro ontológico da Filosofia do Espírito, na sua fase subjetiva, está, como se constata, na relação do espírito consigo mesmo, com o seu corpo de pulsões, desejos e necessidades e na liberdade ou restrição para se conhecer a si mesmo chegando a apreender-se⁸⁰. Lutando por se desembaraçar

⁷⁸ G.W.F. Hegel, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, § 31 A, in: Diogo Ferrer, “Hegel e as patologias da ideia”, *Revista Filosófica de Coimbra* 27, (Coimbra: F.L.U.C., 2005), 149.

⁷⁹ Jon Mills, *The unconscious abyss, Hegel's anticipation of Psychoanalysis* (Nova Iorque: S.U.N.Y. Press, 2002), 195: “(...) the dialectic is the essence of psychic life, for it were to be removed, consciousness and unconscious processes would evaporate”.

⁸⁰ Hegel, *Enzyklopädie*, § 385-Z. O objeto do autoconhecimento é a infinita capacidade de auto-realização.

do jugo da natureza, o espírito começa a conhecer a força da sua essência, a liberdade, no fundo, a si mesmo. O primeiro e decisivo acontecimento que despoleta o início da formação da subjetividade é designado por Hegel como “Revelação” (*Offenbaren*): o espírito, a interioridade humana, *desperta*⁸¹ imiscuído na natureza que o sustenta, o corpo das sensações, que percebe como algo que não é ele: “a revelação, onde a Ideia abstrata se revela, a transição imediata da natureza em ser, ela é, enquanto revelação da liberdade do espírito, o pôr da natureza como o mundo do espírito”⁸². “Desembaraçar-se” e “pôr” significa “conseguir refletir sobre” a sua natureza, sendo esta o outro de si; logo depois, realiza o máximo antropológico, a forma de arte por excelência, a comunhão numa totalidade espírito-corporalizado, ser humano. Assim, satisfaz a necessidade de se conhecer totalmente: consciência.

O momento da revelação é o da primeira percepção de si ainda inconsciente. Não se pode afirmar que o espírito – nesse momento apenas Ideia lógica ou “ser implícito do espírito”⁸³ não atualizado, mas possibilidade de tudo – reconheça o corpo outorgando-lhe algum estatuto, antes, apenas o percebe como exterior, como algo diferente daquilo que ele, espírito, já sempre é implicitamente: o corpo é *o outro da Ideia*⁸⁴. A *Revelação*, porque é um pôr inconsciente da natureza, revela *o ser do conceito do espírito cuja atividade, produzir-se, exhibe a verdade da liberdade*⁸⁵, a eterna capacidade de autorrealização.

A primeira forma da subjetividade acontece quando o todo espírito-natural, isto é, alma – espírito misturado e dependente das qualidades naturais do corpo (*Die natürliche Seele*) –, o sujeito da *Antropologia*, se sente como um todo passando a identificar-se com este todo; a alma percebe ser esta *mónada afetiva*⁸⁶. A partir desta conformação psíquica, que podemos fazer corresponder ao despontar da percepção, o todo das sensações não é

⁸¹ Thomas Lewis, *Habit, reflection and freedom: from Anthropology to ethics in Hegel* (Stanford: U. M. I. dissertation services, 1999), 60: “In the philosophy of subjective spirit, Hegel describes spirit’s emergence out of nature as it occurs in human beings: the transformation, portrayed from an abstract or formal perspective, from a naturally determined being that is only implicitly spirit manifested, free spirit”. Mais à frente, na página 62, o autor revela que “este desenvolvimento consiste e é concretizado pela atividade cognitiva e prática” (tradução minha). Essa emergência a partir da natureza é a Revelação.

⁸² Hegel, *Enzyklopädie*, § 384: “Das *Offebaren*, welches als das Offenbaren der *abs-trakten* Idee unmittelbarer Übergang, *Werden* der Natur ist, ist als Offebaren des Geistes, der frei ist, Setzen der Natur als *seiner* Welt”.

⁸³ Ibidem, § 383-Z.

⁸⁴ Ibidem.

⁸⁵ Ibidem, § 384.

⁸⁶ § 403: “Die Seele ist an sich die Totalität der Natur, als individuelle Seele ist sie *Monade*”.

mais um organismo biológico, tornou-se individualidade, um todo, alma, psique, ou espírito-natural que, sentindo-se, possui-se a si mesmo. Neste momento, a subjetividade estabelece-se e a progressão para a consciência racional ganhou uma base ontológica: “o indivíduo que sente é a simples idealidade, a subjetividade da sensação [...] possui-se a si mesmo e assume o ser-para-si”⁸⁷. Esta fase da vida psíquica (*Die fühlende Seele*) é a da máxima estabilidade subjetiva; não é por acaso que quando o indivíduo foge da realidade, “regride”, e afunda-se, é para esta conformação que “se dirige”. Nela, apesar da presença de racionalidade emergente e impulsividade corporal, não há conflito, apenas harmonia e estabilidade psíquica.

O espírito, ou seja, o sujeito, no entanto, não é parado, não está cristalizado, vive-se e, nesta plethora da vida psíquica, irá identificar-se mais com algumas das sensações do que com outras, que passam a constituir sentimentos particulares; ganha “sentimento de si”⁸⁸ (*Selbstgefühl*) e a identidade subjetiva, consolidando-se, desponta. O acontecimento psíquico desta conformação ontológica é o início da diferenciação interna: de todas as sensações universais, alguns sentimentos particulares estabelecem-se como momentos plásticos da subjetividade nascente e em maturação; neles (eles/’com’ eles) o espírito estabelece a base ontológica ou “memória salvadora”⁸⁹ de si mesmo, subjetividade, onde eternamente se reencontra; na verdade, é o local psíquico para onde necessariamente tende o auto-movimento da dialética intrapsíquica que nutre todo o processo dinâmico maturativo do espírito entre cada atualização antropológica, isto é, entre cada momento de consubstanciação de subjetividade.

A diferenciação interna, donde está em nascimento a consciência racional, opõe entre si justamente a racionalidade objetiva e as pulsões naturais do corpo, o gérmen do conflito antropológico por excelência, a loucura, figuração ontológica dinâmica caracterizada por dualismo e contradição ativa intrapsíquica, semente das desordens mentais. Vale a pena apurar a natureza desta capacidade essencial no seio do psiquismo: a faculdade dialético-racional. Com ela compreendemos a psico-embriogênese, desde a percepção

⁸⁷ Ibidem: “Das fühlende Individuum ist (...) Subjektivität des Empfindens (...) Die Seele ist als fühlende nicht mehr bloß natürliche, sondern innerliche Individualität; dies ihr in der nur substantiellen Totalität (...)”.

⁸⁸ Ibidem, § 407: “(...) zum Urteil in sich zu erwachen nach welchem sie besondere Gefühle hat und als Subjekt in Beziehung auf diese ihre Bestimmungen ist (...) Es ist auf diese Weise Selbstgefühl – und ist dies zugleich nur im besonderen Gefühl”.

⁸⁹ Bernard Bourgeois, *Hegel, les actes de l'esprit* (Paris: Librairie Philosophique J. Vrin., 2001), 9: “L'esprit, en sa différenciation, s'identifie à chaque fois lui-même en identifiant ses différences, en se totalisant. Il se rappelle constamment dans et à lui-même, et cette acquisition par intériorisation (*Er-innerung*) de lui-même fait de lui la mémoire (*Erinnerung*, c'est à dire: souvenir) sans cesse salvatrice de lui-même”.

de si, dos outros, do mundo, da estabilidade à potencial resolução de todos os conflitos da vida mental. Constitui o cerne do nosso estudo e da rejeição do modelo da causalidade mecanicista que subjaz ao modelo médico da psiquiatria.

Não é pela força da abstração, por meio da lógica da racionalidade matemática, pela descodificação hermenêutica ou através da narcotização, que a loucura se resolve, mas pelo desbloqueio de capacidades próprias, pela reativação do fluxo dialético que necessariamente põe em comunhão a universalidade pulsional indeterminada e a subjetividade racional particular do espírito humano.

Como a dialética e a liberdade são correlatos, a força da dialética expressa a força da liberdade, que é o essencial antropológico, a capacidade intrínseca para concretizar aquilo que o espírito já sempre é implicitamente: ser livre; facto que só se prova atualizando-se. Hegel exprime essa eterna força interior assim: “O Conceito não precisa de impulso exterior para se atualizar”⁹⁰.

A loucura surge assim, não apenas como o primeiro grande teste humano, o desafio a si-mesmo, às possibilidades infinitas do espírito, mas revela ser uma etapa universal do desenvolvimento da razão, patamar de confrontação e convivência com o outro de si, sem o qual não há consciência, não há homem, mas apenas o vazio que caracteriza um cogito abstrato despojado de capacidade compreensiva: “para Hegel, biográfica e antropológicamente, a vida realizada é um processo de maturação ao encontro de si próprio no seu outro”⁹¹. A loucura resolve-se dialeticamente. O espírito aceitará o outro – todo e qualquer *outro* –, preserva-o, e regressa a si para si, primeiro habituando-se, depois, tornando-se consciente de si totalmente, espírito corporalizado, ou corpo espiritualizado. Neste gesto dialético, a naturalidade adquiriu verdade porque o espírito a reconheceu. A resolução do estágio exprime-se nessa globalização e na emergência de um significado do todo: *Eu*, que, “relaciona-se com a sua totalidade que imediatamente reflete para si”⁹². O que realiza esta *catarsis* antropológica é a capacidade dialético-racional, o fluxo dialético interior da razão. Uma razão, não pura, mas afinal, *afetada desde o início pela natureza dos impulsos naturais*⁹³. Uma razão real.

⁹⁰ Hegel, *Enzyklopädie*, § 379-Z: “Der Begriff bedarf zu seiner Verwirklichung keines äußeren Antriebs”.

⁹¹ Diogo Ferrer, *A génese do significado. Introdução ao pensamento de Hegel* (Porto: Fund. A.J.A., 2016), 8.

⁹² Hegel, *Enzyklopädie*, § 412: “Ich (...) so daß es in derselben unmittelbar in sich reflektiert ist, das Bewußtsein.”

⁹³ Ibidem, § 385-Z.

A dialética foi compreendida em termos clássicos como lógica racional, “arte de raciocinar, ou melhor, a arte de debater”⁹⁴. Capacidade argumentativa retórica de um sujeito perante um determinado problema. No caso de Hegel, além desta noção, que abreviei, devemos rejeitar aquela outra, mais familiar porque se ensina facilmente, atravessada ainda pela formalidade lógica: que a dialética hegeliana se resume ao processo de síntese do pensamento; a noção de que, partindo de uma posição ou concepção ontológica chamada *tese*, o pensamento move-se para a concepção contrária, a *antítese*, para finalmente, num nível ontológico supostamente superior subsumir num todo as duas concepções iniciais, isto é, opera a *síntese* dos opostos. Esta descrição assemelha-se mais com cálculo matemático do que com vida mental. Na verdade, aceita-se como forma didática de apresentação do dialético, sabendo que, na sua essência filosófica é mais profundo. Se assim não fosse, a dialética hegeliana resumir-se-ia a um conjunto de degraus justificados *a posteriori* ou a operações abstratas quando, em verdade, é experiência subjetiva de liberdade, vida real do pensamento, absolutamente temporal.

A dialética hegeliana é a energia psíquica que faz, não apenas compreender, mas valida e consolida a subjetividade e a objetividade necessariamente emergentes da relação do homem, ou espírito, no mundo, tornando-o autônomo, isto é, *real-izado*. Sendo o motor da (auto)compreensão, faz do espírito essencialmente existência livre, vida humana que se sabe livre e infinita. Na germinação psíquica, a dialética impulsiona a estruturação da consciência, faz o espírito progredir da percepção inconsciente para a consciência imediata, num lance que vai da constatação da finitude corporal até à compreensão do todo espírito-corporalizado. Em termos técnicos, explica-se como o processo que, perante um antagonismo, gera contradições internas que depois resolve, psiquicamente, na forma da comunhão concetiva ontológica, até a relação deixar de ser conflituosa apesar de manter os opostos no seio do sistema. Filosoficamente, a racionalidade que deduzimos da etapa da formação da consciência, as várias conformações ontológicas que vão desde que o espírito acorda na natureza até que se torna consciente de si, é a constatação lógica do desenvolvimento progressivo que já aconteceu. É uma observação *a posteriori*, como adiantei acima. A dialética, no entanto, é o desenvolvimento psíquico projetado no infinito da auto-concepção experimentada agora. Pode dizer-se, *é o diálogo da mente consigo mesma de modo a conseguir autorrealizar-se*⁹⁵ no sentido em que vai pensando sobre aquilo que não é

⁹⁴ Paul Janet, *Études sur la dialectique dans Platon et dans Hegel* (Paris: Librairie Philosophique de Ladrangé, 1861), 41: “On entend généralement l’art de raisonner ou plutôt l’art de discuter. C’est, en effet, le sens original du mot”.

⁹⁵ William Young, *Hegel’s dialectical method, its origins and religious significance* (E.U.A.: Craig Press, 1972), 14.

conforme à sua existência, compreendendo-se a si e ao seu outro, num todo em contínuo desenvolvimento que vai preservando cada uma das etapas e conformações próprias do processo todo. É justamente esta dinâmica própria do pensamento que a solução psicológica procura para resolver o desequilíbrio psíquico. Este gesto de comunhão é o dialético positivo.

Apesar desta análise ao movimento especulativo do pensamento, aquilo que do movimento dialético convoca a força da auto-conceção é, especificamente o momento da *razão negativa*. A força do pensamento compreensivo do espírito humano reside, não na síntese dos opostos, mas no *momento negativo do pensamento*⁹⁶. Significa isto que o transfundo ontológico do processo racional humano, a energia que impulsiona o pensamento para a conceção, a fonte da capacidade auto-concetiva, está na consciência da alteridade, na aceitação do oposto que provoca o pensar, portanto, a vida: “só o descentramento de si – que nos permite falar do eu somente como um outro eu e como um eu outro –, permite ao homem efetivar-se como sujeito”⁹⁷. A resolução do desequilíbrio psíquico tem aqui a sua base. Também aqui, está a corrupção da capacidade psíquica induzida pela artificialidade dos psicofármacos⁹⁸. Eis o coração deste texto.

É esta energia dialética que inicia o trabalho do *conceito* (*Begriff*) do espírito, quer dizer, que despoleta a consciência e a razão, e situa o espírito no caminho da atualização de si mesmo. O especial do dialético hegeliano reside no facto da experiência do outro, o negativo, ser a energia que, na dimensão metafísica, afirma o ser para-si, despoleta o regresso a si do espírito, então, *em si e para si*: é “o poder mágico que converte o negativo em Ser. Esse poder é precisamente aquilo a que nos referimos [...] como sujeito”⁹⁹. Hegel di-lo assim: “é a esta superação da exterioridade que faz parte do Con-

⁹⁶ Ibidem, 16.

⁹⁷ Ferrer, Génese, 8.

⁹⁸ Pires, *O rei vai nu*, 37 e seguintes, ou ainda por exemplo, na página 197, o capítulo intitulado “O uso de psicotrópicos como uma nova forma de stresse: do desespero intrínseco aos tratamentos com psicotrópicos e à sua negação. Razões para uma irracionalidade e dependência”. Partindo da noção de que a vida mental é um epifenómeno dos processos orgânicos, a ação artificial dos psicofármacos acaba por, por exemplo, impedir um sono verdadeiramente reparador. O cérebro simplesmente desliga-se. A ação tóxica sobre o tecido nervoso cerebral, com dano irreversível de algumas vias de comunicação neurológica (neurolépticos) produz indubitavelmente incapacidade intelectual. O resultado passa, obviamente, por despersonalização e consequente prejuízo das relações profissionais/laborais, familiares, para enumerar só alguns. Ver ainda, por exemplo, o capítulo “Sobre a natureza e complexidade das reações adversas”.

⁹⁹ G.W.F. Hegel, *Phänomenologie des Geistes*, Werke 3 (Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1986), 36: “Dieses Verweilen ist die Zauberkraft, die es in das Sein umkehrt. – Sie ist dasselbe, was oben das Subjekt genannt worden (...)”.

ceito do espírito que chamamos idealidade. Todas as atividades do espírito não são mais que os modos nos quais o que é externo é reconduzido à interioridade, ao que o espírito é em si mesmo e é através desta recondução [...] que o espírito se torna espírito”¹⁰⁰, atualiza-se, atinge a sua verdade, isto é, adequa-se à sua forma genuína, ao seu *conceito*.

No sentido em que constitui a força motriz da razão, a dialética é também “a alma do método filosófico”¹⁰¹ e faz de Hegel o filósofo que realmente conformou o irracional e o racional humano e lhes outorgou existência subjetiva, livre e infinita, justamente, como homem, e assim, precisamente porque revelou ser o processo concetivo, não de um “que”, mas de um “quem”, a dialética é, em verdade, a alma da Filosofia.

3.2. A natureza pulsional inconsciente e a emergência da consciência.

A *Antropologia* é, por isto, o texto filosófico onde Hegel revela o momento da concretização do universal humano. O despertar para si do sujeito-corporal que inicia o processo de auto-produção, o vir a ser da subjetividade, sujeito. Para Catherine Malabou, na *Antropologia*, Hegel mostra que o espírito é “o processo através do qual a substância universal se afasta do mundo natural progressivamente, se diferencia, e vem a ser sujeito individual”¹⁰². No entanto, essa subjetividade não é apresentada com o um facto consumado, dado, posto, a partir donde, num novo degrau, o filósofo dissertará sobre as novas determinações. O texto filosófico hegeliano é *sui generis*: o espírito desenvolve-se e atualiza-se numa conformação, neste caso *consciência* (o fim da *Antropologia*), numa transformação operada interiormente pelo dialético-racional: “o Espírito é o vir a ser da verdade da Natureza”¹⁰³. Este processo psíquico mostra o universal antropológico indeterminado que se auto-concebe num contínuo racional-emocional – onde a dimensão racional, que realiza a mediação compreensiva da universalidade, tem primazia ontológica porque *a matéria é finita e não tem verdade*¹⁰⁴ – até que, do sentimento de si, onde o espírito estabelece a base psíquica, fazendo uso da liberdade de ser, evolui para a racionalidade objetiva, para a atualização consciente.

100 Hegel, *Enzyklopädie*, § 381-Z.

101 Kroner, *Early theological*, 32.

102 Catherine Malabou, *L'avenir de Hegel: plasticité, temporalité, dialectique* (Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1996), 45: “(...) l’ ‘Anthropologie’ (...) du procès par lequel la substance élémentaire, au sortir de la nature, s’auto-différencie progressivement jusqu’à devenir sujet individuel”.

103 Hegel, *Enzyklopädie*, § 388: “Der Geist ist als die Wahrheit der Natur geworden”.

104 Ibidem, § 389: “Der geist ist die existierende Wahrheit der Materie, daß die Materie selbst keine Wahrheit hat”.

A liberdade auto-concetiva que o possibilita, esta capacidade interior do humano que persevera em toda a Filosofia do Espírito, mostra na *Antropologia* toda a sua força. Porque dialético-racionalmente capaz, o espírito constituirá família e um estado onde pode viver atingindo as dimensões onde é realmente livre, portanto, feliz: na arte, na religião ou na Filosofia.

A *Antropologia* de Hegel revela ser a expressão filosófica e concreta, logo “sublime”, da lógica interna desse processo fundador da humanidade: o despertar, desenvolvimento e nascimento da consciência imediata, o *motor da História*¹⁰⁵. Se a biografia do Espírito é a sua história, e se aquele só se diz plenamente na Filosofia, a História da Filosofia, pode dizer-se, é a História do Espírito, na verdade, o *desenrolamento auto-concetivo do espírito*¹⁰⁶ que tem, evidentemente, o seu arranque, o seu impulso originário, na *Antropologia*, na germinação do subjetivo.

A conformação adotada pelo espírito durante esta etapa da sua vida chama-se psíquica porque o *corpo e o espírito se entrelaçam dialeticamente*¹⁰⁷; o espírito é espírito-natural (*Naturgeist*) ou alma (*Seele*) e vive na esfera do inconsciente (*Bewutloss*) porque a naturalidade emocional – que constitui a força vital natural que permanece para sempre no interior da consciência – prevalece sobre a racionalidade emergente (início da subjetividade). Durante esta fase a liberdade dialética, como vimos, tem esse papel fundamental para que o espírito, então aprisionado, se liberte realizando-se, facto que acontece na forma de uma conceção superadora e compreensiva: consciência (*Bewutsein*). O dialético-racional, base antropológica da vida psíquica, constitui manifestamente a substância e o eixo lógico da relação entre a *Antropologia* de Hegel e a Psiquiatria.

O dualismo cartesiano e a ideia de um Hegel exclusivamente racional e abstrato, que uma *tradição filosófica maledicente*¹⁰⁸ com traços políticos que

¹⁰⁵ G.W.F. Hegel, trad. Robert Williams, *Lectures on the Philosophy of Spirit 1827-1828* (Nova Iorque: Oxford University Press, 2007), 61: “History has two dimensions. The first is the substantial element, the end, the content, and the second is that this content is set in motion by the subjective”.

¹⁰⁶ G.W.F. Hegel, *Introdução às lições sobre História da Filosofia*, trad. José Barata-Moura (Porto: Porto Editora, 1995), 49.

¹⁰⁷ Hegel, *Enzyklopädie*, § 405.

¹⁰⁸ Petry, *Hegel's Philosophy of subjective spirit, Introductions*, xiv-xv. Segundo Petry, Feuerbach criticou Hegel porque este teria deduzido tudo da lógica. Marx, “pegou neste ponto e usou-o como arma base para criticar a ‘Filosofia do Direito’ de Hegel”. Mais tarde (1845), Marx, criticou Feuerbach por ter feito uma “intuição teórica da objetividade” em vez de partir da atividade humana. Na verdade, o ponto de partida filosófico de Hegel é, afinal, o empírico humano, donde retira os elementos da realidade que o ajudam a construir o seu sistema (página xix). Relativamente à importância do empirismo no hegelianismo pode consultar-se por exemplo o texto de William deVries, *Hegel's theory*

começou em Feuerbach, passou por Nietzsche, Kierkegaard, Russel, Popper ou Deleuze, cai por terra no preciso momento em que estudamos a *Antropologia*: o sujeito hegeliano não é pensamento puro descarnado, antes é vida dialético-racional corporal, homem integral comprometido no mundo, ativo, sujeito às paixões e à loucura. Para Hegel, o homem é então o existente concreto, particular, da universalidade humana. Em *cada um de nós, o ser universal ganha conteúdo determinado*¹⁰⁹: é espírito realizado. Hegel di-lo assim: “a minha atualidade consiste na determinação universal da alma, vivida e individualizada em mim”¹¹⁰. Esta relação, ou antes, auto-relação, permite a Hegel mostrar a vida originária da razão dialética. O acontecimento

of mental activity, an introduction to theoretical spirit (Nova Iorque: C.U.P., 1988), 26. Veja-se por exemplo Stephen Houlgate, *The openings of Hegel's Logic*, (Indiana: Purdue University Press, 2006), 1: “(...) alguns autores que assumem uma dívida para com Hegel – incluindo por exemplo Nietzsche – tiveram pouco conhecimento direto da sua filosofia, tendo preferido, em vez disso, confiar em comentários ou histórias de filosofia ou apenas lido páginas selecionadas pelo próprio Hegel. Além disso, muitos dos que trabalham conscientemente contra Hegel – como Russell, Popper, e Deleuze – não tiveram praticamente conhecimento direto dos seus textos e preleções” (a tradução é minha). Ainda no texto de Berthold-Bond, *Hegel's theory of Madness*, 55-60: a crítica de Kierkegaard levou à ideia de que a filosofia de Hegel se reduz ao abstrato, que reprime o concreto e reduz tudo ao Eu é engenhosa e falsa. Para Hegel o concreto é determinante e no hegelianismo “há um respeito genuíno pela alteridade”. Ainda segundo Berthold-Bond, Kierkegaard categoriza o desespero “com princípios ontológicos e dialéticos, categorias e esquematismos (...) apresentando características formais e estruturais de uma ontologia que possa oferecer explicações da tendência humana para determinados estados” (tradução minha). Segundo Diogo Ferrer em “Hegel e as patologias da ideia”, 131, “o conhecido dito de Kierkegaard, (...) de que Hegel teria expulsado a vida do seu sistema da filosofia (...) é manifestamente falsa (...) a vida pertence já ao pensar lógico (...), é uma parte fundamental da filosofia da natureza (...), no plano do espírito, a vida define não só um conceito central da Antropologia, como reaparece em todos os momentos do espírito”. Relativamente à desmontagem das críticas feitas por Levinas, Derrida e Deleuze, pode consultar-se os textos de Žižek, *Less than nothing*, 327-331, ou ainda *Hegel & Infinite, Religion, Politics, and dialectic* (Nova Iorque: Columbia University Press, 2011), Introduction; neles, Slavoj Žižek mostra que *o cerne do pensamento de Hegel rompe com o mecanicismo lógico*, facto “sistematicamente negligenciado pela filosofia do século vinte” (Žižek, *Hegel & Infinite*, 7), que Levinas, Foucault, Bataille, “esforçando-se por romper com uma filosofia fechada, defendendo um ponto de referência fora do horizonte da filosofia (infinito versus totalidade em Levinas, loucura versus cogito no primeiro Foucault, soberania versus dominação hegeliana em Bataille), continuam a estar dentro do campo que pretendem superar” (Žižek, *Less than nothing*, 327).

¹⁰⁹ Ibidem, § 406-Z: “Diese Bestimmungen sind, obgleich voneinander unterschieden, dennoch für sich nur etwas *Allgemeines*”.

¹¹⁰ Ibidem: “All die in mir individualisierten und von mir durchlebten allgemeinen Seelenbestimmungen machen meine Wirklichkeit aus (...)”.

é a libertação e simultânea integração das qualidades naturais na hierarquia psíquica, isto é, na edificação de uma estrutura psíquica una que expressa o universal vivo com memória percetiva de si, o homem. A comunicação do homem consigo mesmo, ou dialética, motor do processo psíquico vital, é a faculdade anímica que estrutura essa edificação que é o ato mesmo do existir.

Na exposição filosófica, Hegel podia ter feito uma apresentação do homem e depois categorizá-lo. Não o fez. O filósofo mostra a constituição originária e o desenvolvimento psíquico do espírito desde que emerge na natureza, e experimenta em cada frase o risco máximo próprio do trabalho filosófico com o qual se comprometeu: a fecundação e o nascimento do primeiro homem do seu sistema. Nessa exibição de antropologia filosófica, diz Mills, “explica as pré-condições estruturais ou a base do espírito e as operações dinâmicas que tornam possível o aparecimento da consciência”¹¹¹. Na *Antropologia* mostra que o homem não é um somatório material forçado a existir limitado às leis inexoráveis da matéria. O desenvolvimento do espírito até à efetivação da consciência, apesar de evidenciar uma teleologia inconsciente não segue uma causalidade mecanicista: “o determinismo psíquico do espírito é, portanto, o poder determinativo livre do ego. Existe uma dimensão de escolha inconsciente que o espírito assume à medida que vai maturando, uma teleologia definida, não como um resultado pré-constituído, mas uma que vai encontrando novas formas de incorporar novos confrontos ao seu ser”¹¹².

A imprevisibilidade e infinitude que caracteriza o essencial espiritual manifestará a primazia ontológica apesar de acordar oprimida pelas pulsões do corpo. O fisiológico adapta-se e integrar-se-á no todo antropológico, e não o contrário defendido na Psiquiatria onde as emoções, sentimentos e ações humanas são considerados consequências metabólicas e tratados como sintomas: “a ação é a auto-atividade de um ser que envolve sempre fisiologia animal”¹¹³. Portanto, a desordem – distúrbio, embaraço, confusão, sofrimento, conflito, perturbação, angústia, desorientação, etc. – mental, ou loucura, é um estágio interior da normal maturação do espírito onde o tempo, sendo antropológico, é absoluto, não quantificado. Não forçando a racionalidade em escalas temporais, Hegel consubstancia absolutamente a liberdade do espírito no seu existir: o tempo do espírito, bem como o tempo da loucura é o tempo do viver individual.

¹¹¹ Mills, *The unconscious abyss*, 56: “(...) Anthropology (...) it explains the structural preconditions or ground of spirit and the dynamic operations that make the appearance of consciousness possible”.

¹¹² Ibidem, 92: “The psychic determinism of spirit is therefore the freely determining power of ego. There is a degree of choice unconscious spirit assumes as it becomes more mature, a teleology defined, not as a preordained goal, but one that finds novel ways of incorporating novel encounters into its self”.

¹¹³ Winfield, *Hegel and mind*, 5.

Nem a psicologia racional, abstrata e desligada da atualização, nem a psicologia empírica, que vê o espírito como uma soma de particularidades, consideram o especulativo filosófico que qualifica o conceito do espírito, que este *é autodeterminação*¹¹⁴ onde o “conhece-te a ti mesmo”¹¹⁵ é o gesto antropológico por excelência: a celebração da liberdade.

No final do estágio psíquico (*Antropologia*) o espírito conhece-se total e imediatamente, experimenta uma nova conformação ontológica onde conseguiu ser totalmente independente, isto é, livre, logo, verdadeiro, criou um registo ontológico de si, *Eu*¹¹⁶, que refletindo sobre o todo – representação de si e processo que concebeu essa representação –, passa a existir num nível espiritual superior: edificou consciência (*Bewusstsein*). Com ela, isto é, sendo ela, enfrentará o mundo.

A valorização do natural como imediatidade do espírito, e este, existente porque corporal, faz do pensamento de Hegel uma filosofia manifestamente integradora, portanto, atual. No entender de Jon Mills, já o adiantámos, a profundidade atingida no estudo sobre o psiquismo, pelo sistema nosográfico que construiu, na forma como a tese da edificação da consciência denota um dinamismo psíquico claramente afim às teses da psicologia, “Hegel antecipa Freud na ênfase dada à origem somática e organização corporal como estímulos sensoriais subjacentes às pulsões [...] constituem as estruturas básicas da subjetividade”¹¹⁷.

Ao longo dos vinte e cinco capítulos da fase antropológica (§§ 388-412), assistimos à vitalidade humana da força dos impulsos naturais que resistem ao máximo (na loucura) ao controlo por parte da racionalidade espiritual. Toda a Filosofia do Espírito, pode afirmar-se perentoriamente, desde o despertar, é uma história de libertação: “o objetivo da alma natural é a libertação desta sua inculta condição natural; em liberdade torna-se *Eu*, o ser livre consigo mesmo do espírito”¹¹⁸. Podemos, por isso, chamar à antropologia hegeliana, *autobiografia da liberdade*. Nela, é constante a ação, o agir livre. O “libertar-se” do espírito é a efetivação do seu conceito, a realização da sua essência: *a liberdade em ação*¹¹⁹. A *Antropologia* assume-se assim como a

¹¹⁴ Hegel, *Enzyklopädie*, 377-Z.

¹¹⁵ Ibidem, § 377.

¹¹⁶ Ibidem, § 412.

¹¹⁷ Mills, *The unconscious abyss*, 76: “Once again, Hegel anticipates Freud’s emphasis on the somatic source and organization of the body as the sensory stimulus behind drives”. Na página 83, diz ainda que “Hegel is nevertheless attempting to articulate a primal ground of the psyche that has its origins in the somatic organizations that constitute the basic structures of subjectivity”.

¹¹⁸ Hegel, *Lectures*, 81.

¹¹⁹ Hegel, *Enzyklopädie*, §§ 382 e 384.

base de sustentação que assegura o caminho até ao máximo de liberdade, até ao Absoluto: a própria Filosofia. A *Encyclopédie* toda, pode sustentar-se, “pode ser relida à luz de uma filosofia da vida e [...] até mesmo de uma filosofia autobiográfica”¹²⁰.

A dimensão imagética, irrefletida e afetuosa, as pulsões e os instintos naturais, permanecem no *in*-consciente e constituem a força da vida psíquica. Vale a pena estudar esta natureza natural porque o tratamento filosófico que Hegel lhe dedicou, de forma muito profunda nas edições de 1827 e 1830 da *Encyclopédie*, constituem um fundo antropológico-filosófico inestimável, sujeito no presente a inúmeras e sucessivas atualizações, e que, manifestamente, forma uma mais valia para a Psicologia contemporânea.

Integrante fundamental da filosofia hegeliana, este manancial instintivo, corpo do espírito, longe de ser uma zona ou “parte” material que deve ser depurada, antes alimenta a vida do espírito desde a sua profundidade ontológica, a camada onto-arqueológica que confere existência ao sujeito e permanece para sempre na sua estrutura pessoal¹²¹. Segundo Hegel, “a corporeidade [...] não deve ser tida como uma exterioridade e materialidade exterior à alma”¹²². *O sensível revela ser a forma abafada, inconsciente, da germinação do espírito, o início antropológico*¹²³. A concepção global do homem é evidente; para Hegel, “o sentir é o viver saudável do espírito na sua corporalidade”¹²⁴. O “libertar-se”, referido mais acima, não significa rejeitar, mas antes *com*-preender e integrar. No dizer de William Young, *Hegel trouxe o irracional para o seu lugar certo, para o interior do próprio pensamento, para o seio da Razão*¹²⁵. Esse irracional, interior (*Innern*) psíquico, mostra que “cada indivíduo é constituído por uma riqueza infinita de sensações determinadas, representações, conhecimento, pensamentos”¹²⁶. Refere-se, Hegel, a uma região despercebida do existir psíquico, um “abismo

¹²⁰ Ferrer, “Hegel e as patologias da ideia”, 132.

¹²¹ Hegel, *Enzyklopädie*, § 392. Ver ainda Slavoj Žižek, S., *Less than nothing: Hegel and the shadow of dialectical materialism* (Londres: Verso, 2013), 346.

¹²² Ibidem, 403.

¹²³ Ibidem, 401-Z.

¹²⁴ Ibidem, § 401: “Das Empfinden überhaupt ist das gesunde Mitleben des individuellen Geistes in seiner Leiblichkeit”.

¹²⁵ Young, *Hegel's dialectical method*, 14: “Hegel’s irrationalism consists of the bringing of the irrational to its rightful place within thought (...)”.

¹²⁶ Hegel, *Enzyklopädie*, § 403: “Jedes Individuum ist ein unendlicher Reichtum von Empfindungsbestimmungen, Vorstellungen, Kenntnissen, Gedanken usf.; aber ich bin darum doch ein ganz Einfaches, – ein bestimmungen Schacht, im welchem alles dieses aufbewahrt ist, ohne zu existieren”.

inconsciente”¹²⁷, o “abismo da minha interioridade”¹²⁸, que contém qualidades que “estão implícitas no que ele [cada pessoa] é e não pertencem à sua atualidade, à subjetividade como tal”¹²⁹. Estas indeterminações são afinal as qualidades naturais ou pré-disposições inatas universais do humano que matizam e influenciam a vida psíquica. Apesar de passarem despercebidas durante a maior parte do tempo *porque são inconscientes, somos essas determinações universais naturais (genus) na medida em que subjazem à consciência e ao mundo da liberdade ética*¹³⁰; manifestar-se-ão como *talento, genialidade, temperamento, humor ou caráter*¹³¹. Surgem com relevância, inclusive dominando, na função da subjetividade, por exemplo, e com proeminência em alguns estados mórbidos do existir sofrido.

Na sua época, como adverti acima, muitos autores estudaram o tópico do inconsciente e a natureza instintiva humana. Naturalistas, escritores, poetas, filósofos. De Blumenbach a Uexküll, Boheme, Schelling, os românticos (Schlegel, Novalis ou Hoelderlin, por exemplo), Goethe, ainda Schopenhauer ou Nietzsche, para enumerar alguns. Não cabe neste artigo desenvolvê-los. Todos atribuíram uma importância fundamental à natureza pulsional e contribuíram, desse modo, para quebrar a hegemonia do registro racional. Hegel, mergulhado num ambiente cultural ímpar que partilhou com muitos dos grandes pensadores deste período da cultura alemã, recebeu deles pensamento e sabedoria, e construiu o seu próprio registro filosófico no qual “o Absoluto é o espírito”¹³².

Para Hegel, as emoções e as pulsões naturais são fundamentais nos processos dinâmicos da vida mental, muitas vezes dominam a função da subjetividade, mas não têm a prioridade ontológica. Significa isto, entre outras, que a significação não é dada diretamente pela corporeidade ou pelo mundo, antes, requer mediação dialético-racional. O corporal é superado e integrado no todo psíquico e deixa de ser um mero organismo; passa a ser o “meu” corpo. O dialético-racional compreende-o na arquitetura ontológica que organiza a dinâmica das relações internas, psíquicas, e externas, no mundo, de cada indivíduo.

A ideia expressa na *Antropologia* hegeliana, de que a formação da consciência resolve a conflitualidade interior à razão, também é o que caracterizará a Psicanálise freudiana. Jon Mills di-lo: “o paradigma freudiano da

¹²⁷ § 453: “(...) Bewußtlose Schacht (...)”.

¹²⁸ § 453-Z: “(...) die Schacht meiner Innerlichkeit (...)”.

¹²⁹ Ibidem, § 403: “(...) sie gehören nicht seiner Wirklichkeit, nicht seiner Subjektivität als solcher, sondern nur seinem an sich seienden Sein an”.

¹³⁰ Ibidem, § 391-Z.

¹³¹ Ibidem.

¹³² Ibidem, § 384: “Das absolute ist der Geist”.

mente é dialético”¹³³. Foi exatamente por tudo isto, “praticamente um século inteiro antes do surgimento da Psicologia profunda”¹³⁴, pela surpreendente semelhança, pela profundidade e sistematicidade que o texto hegeliano oferece, porque “se preocupou não apenas com a psicologia individual, mas procurou dar uma percepção universal, antropológica, da humanidade”¹³⁵, que Mills declarou que Hegel “antecipou muito do que a Psicanálise tornará mais inteligível”¹³⁶. A dialética hegeliana, “essência da vida psíquica”¹³⁷ revela ser o método por excelência para compreender “as operações fundamentais da mente”¹³⁸. Desse modo “pode contribuir para avanços na Psicanálise teórica, clínica e aplicada”¹³⁹.

Não tendo sido ele que “descobriu” a natureza pulsional do homem, aprofundou-a e construiu uma classificação (e uma terapêutica) das desordens mentais¹⁴⁰, facto pouco conhecido, mas deveras assinalável para a Medicina. O médico K. Scheidler, referindo-se em 1829 à Filosofia da Medicina em Hegel, lamentou que sendo a obra do filósofo *uma referência da sua época em todos os âmbitos da cultura, não tenha sido devidamente considerada pela Medicina*¹⁴¹.

Mas, e eis o carácter equilibrado do pensamento de Hegel, não apenas a corporalidade influencia a arquitetura ontológica como também o espírito, a sua força, a infinitude racional, agindo, consegue transformar as condições da estrutura organizada do organismo, especificamente a funcionalidade. Refere-se, Hegel, à influência da vontade, do agir e do esforço da subjetividade nas funções fisiológicas, tese apresentada na forma de uma disciplina que batizou de “Fisiologia Psíquica”, que investigaria “a corporaliza-

¹³³ Mills, *The unconscious abyss*, 196: “Freud’s paradigm of the mind is dialectical”.

¹³⁴ Ibidem, 4: “Almost a full century before the emergence of depth psychology, Hegel’s psychological insights are profound”.

¹³⁵ Ibidem: “Hegel is concerned not only about explaining individual psychology, but also about providing a universal anthropological account of humankind”.

¹³⁶ Ibidem, 2: “In providing a systematic and coherent account of Hegel’s theory of unconscious, I will argue throughout this book that he anticipated much of what psychoanalysis was latter to make more intelligible [...] It is in this manner that we can see how Hegel’s ideas transcend his time (...)”.

¹³⁷ Ibidem, 195.

¹³⁸ Ibidem, 194.

¹³⁹ Ibidem: “(...) Hegel’s dialectical method may lead to advances in theoretical, clinical, and applied psychoanalysis (...)”.

¹⁴⁰ Hegel, *Enzyklopädie*, §§ 408 e 408-Z.

¹⁴¹ K. Scheidler, “Über das Verhältniß der Philosophie überhaupt und der Psychologie insbesondere zur Medicine”, in: Berthold-Bond, *Hegel’s theory of Madness*, 1; ver ainda Petry, *Hegel’s Philosophy of Subjective Spirit, Introductions*, xlviii.

ção assumida pelas determinações espirituais, especialmente as afeções”¹⁴². A interpenetração corpo-mente é completa.

Entre algumas concepções filosóficas hegelianas que dominarão os séculos XIX e XX relacionadas com o tema da natureza corporal e a sua importância na consciência podemos citar a noção fenomenológica de *ontologia do sensível*¹⁴³ – lembro que a palavra alemã para sensação (*Empfindung*) pode ser traduzida por “encontrar-se” –, a *conexão corporal com o mundo*¹⁴⁴ ou a noção de uma *ligação perceptiva da consciência ao mundo*¹⁴⁵, a concepção existencial sartriana de que o que preenche a consciência é o mundo¹⁴⁶ ou até a expressão nitzscheana de que *a atividade espiritual é proporcional às próprias vísceras*¹⁴⁷.

3.3. O bloqueio da razão e a solução dialética para a desordem mental.

A referência à desordem mental, que sugere em última instância um conflito interior relativamente ao mundo percebido, sentido, interpretado e ontologicamente integrado, é uma forma diferente – que encontramos em inúmeros autores, onde se inclui Freud – de expressar o que já Hegel nos ensinara: um sujeito experimenta a loucura quando não consegue ordenar a sua estrutura ontológica. Veja-se a sua definição original: “o si-mesmo consciente e racional realiza-se plenamente num sujeito consciente e consistente em si que se mantém e ordena de acordo com a sua posição individual e as suas conexões com o mundo exterior assim como no seu mundo interior ordenado. Mas, na medida em que fica enredado numa determinidade particular, o sujeito não atribui a esse conteúdo [essa qualidade particular] um lugar inteligível e apropriado no seu sistema individual do mundo. O sujeito encontra-

¹⁴² Hegel, *Enzyklopädie*, § 401: “(...) psychischen Physiologie (...) bestimmter die *Verleiblichung* zu betrachten, welche sich geistige Bestimmungen insbesondere als Affekte geben”.

¹⁴³ Ibidem. Trata-se da concepção de que a experiência sensível é o que desperta a subjetividade, portanto o caminho para a consciência. Ver por exemplo também o § 409.

¹⁴⁴ Ibidem, § 410-Z: “Der Leib ist die Mitte, durch welche ich mit der Außenwelt überhaupt zusammenkomme”. Ver por exemplo a noção do sentir como modo de conhecer em § 406-Z: “(...) das Fühlen oder die subjektive Weise des Wissen (...)”.

¹⁴⁵ Ibidem, § 406: “Dabei hat diese Welt, die außer ihm ist, ihre Fäden so in ihm, daß, was er für sich wirklich ist, aus denselben besteht; so daß er auch in sich so abstürbt, wie diese Äußerlichkeiten verschwinden (...)”. Claramente a ideia de uma conexão ao mundo através dos “fios” da percepção.

¹⁴⁶ Ibidem: “Indem aber die Erfüllung des Bewußtseins, die Außenwelt desselben und sein Verhältnis zu ihr (...)”, ou seja, o que preenche a consciência é o mundo.

¹⁴⁷ Ibidem, § 401. Veja-se a similitude com Artur Morão, trad. Friedrich Nietzsche, *Ecce Homo* (Lisboa: Ed. 70, 2002), 38-39.

-se assim envolvido numa contradição entre a totalidade sistematizada na sua consciência e aquela determinidade particular que não se dissolveu e à qual não foi atribuído nenhum lugar ordenado nessa totalidade, – a loucura”¹⁴⁸.

A loucura, no sistema hegeliano, é o conflito antropológico por excelência. É a prova máxima da liberdade e da infinitude que afinal é interior a cada indivíduo: ser livre de ser. É o desafio para restabelecer a rutura originária impulsionado pela liberdade que não poderia ser sem a força do seu *não-ser*, justamente o outro de si, a natureza corpórea que dá vida ao espírito.

Antes do processo antropológico edificar a consciência imediata, o espírito experimenta, destarte, uma fase de contradição interior quando as pulsões e instintos naturais se opõem à integração na ordenação hierárquica. Neste primeiro momento de sofrimento existencial, a vitalidade especulativo-dialética bloqueia e o espírito não consegue concretizar a unidade psíquica. Nesta fase da vida, o espírito é dependente da finitude corpórea e não tem capacidade – liberdade – para se realizar infinitamente. Na normal progressão humana, esta luta íntima tende à resolução. Mas, se não o conseguir, a psique em si dividida, organiza-se à volta de um *Eu* mutilado. A loucura, extremando-se, produz desordem mental com sofrimento existencial que, no entanto, é reversível pois “o Espírito é ativo e auto-generativo”¹⁴⁹.

A “determinidade” ou qualidade particular que impede a progressão do espírito, a que Hegel se refere na descrição, são alguns desejos e necessidades instintivas da natureza que não se deixam captar objetivamente por parte da consciência racional em crescimento. A correspondência com o conceito de “catexia” freudiano é clamoroso. De acordo com D. Christensen “esta descrição do aspeto central do carácter puramente formal do fenómeno da desordem mental pode ser considerado um paralelo espantoso daquele exemplificado na teoria de Freud da sexualidade infantil e do papel da sexualidade infantil nas neuroses [...] uma ou outra catexia (carga) da libido (aqui, impulso sexual) torna-se persistente e dominante, e consequentemente (normalmente após a puberdade) raiz causadora de uma neurose [...] é reprimida para o inconsciente [...] torna-se uma fixação mais ou menos

¹⁴⁸ Hegel, *Enzyklopädie*, § 408: “Das erfüllte Selbst des verständigen Bewußtseins ist das Subjekt als in sich konsequentes, nach seiner individuellen Stellung und dem Zusammenhange mit der äußeren, ebenso innerhalb ihrer geordneten Welt sich ordnendes und haltendes Bewußtsein. In einer besonderen Bestimmtheit aber befangen bleibend, weist es solchem Inhalte nicht die verständige Stelle und die Unterordnung an, die ihm in dem individuellen Weltsysteme, welches ein Subjekt ist, zugehört. Das Subjekt befindet sich auf diese Weise im Widerspruch seiner in seinem Bewußtsein systematisierten Totalität und der besonderen in derselben nicht flüssigen und nicht ein – in untergeordneten Bestimmtheit, – die Verrücktheit”.

¹⁴⁹ Mills, *The unconscious abyss*, 61: “Geist is self-generative and active”.

permanente”¹⁵⁰; relativamente à psicanálise freudiana, as semelhanças não se ficam por aqui, segundo D. Berthold-Bond a ideia hegeliana de que “a consciência se afunda [...] no passado arcaico da alma. É esta face nostálgica do desejo que, com Hegel, desempenham o mesmo papel que os conceitos de regressão e o instinto de morte terão para Freud”¹⁵¹. Veja-se como o diz Hegel: “o espírito fracassa na manutenção do controlo de si mesmo, pois, perdendo o controlo do elemento da alma que lhe pertence, afunda-se na forma corporal do psiquismo e abandona a relação com o mundo atual, o que, para o espírito saudável é essencial e objetivo”¹⁵².

O tema da divisão interior como marca da desordem mental foi sempre nuclear para todos os grandes investigadores do tema do *mental* no século XIX e XX, de Philippe Pinel a Eugen Bleuler, Emil Kraepelin, Sigmund Freud ou Ronald D. Laing. Com Hegel, no entanto, atingiu uma profundidade filosófica inigualável: “na imediatidade onde o sentimento de si ainda está determinado, isto é, porque o momento da corporeidade ainda não está separado da espiritualidade, e como o sentimento em si também é um particular e portanto uma corporalização específica, o sujeito que desenvolveu uma consciência inteligente ainda está sujeito à enfermidade porque continua envolvido numa particularidade do sentimento de si que não consegue idealizar e superar”¹⁵³. Eis, mais uma vez, com palavras diferentes, a base da loucura:

¹⁵⁰ Christensen, “Hegel’s Phenomenological Analysis and Freud’s Psychoanalysis”, 361: “This general account [...] may be seen as strikingly parallel to that exemplified in Freud’s theory of infant sexuality and the role of infant sexuality in neuroses. Freud is at pains to arrive at explanations of how, in the particular case, one cathexis (or attachment) of libido (here, sexual drive) or another becomes persisting and dominant, and subsequently (usually following puberty) the root cause of a neurosis commensurate with its kind. [...] the cathexis [...] is repressed into the unconscious [...] to become a more or less permanent fixation”. A semelhança é manifesta. Na nosologia hegeliana este facto psíquico corresponde à loucura propriamente dita (*Narrheit*). Outro exemplo surpreendente deste paralelismo está numa das figuras mais usadas por Freud, a *ansiedade*. Hegel também se lhe refere de modo importante em estados de desordem mental como a insanidade (*Wahnsinn*).

¹⁵¹ Berthold-Bond, *Hegel’s theory of Madness*, 6: “(...) nostalgic and regressive, tempting consciousness to abandon its immersion in the everyday world and to ‘sink back’, as Hegel puts it, to the archaic past of the soul. It is this nostalgic face of desire which plays for Hegel the same role as the concepts of regression and the death instinct would later for Freud (...)”.

¹⁵² Hegel, G. W. F., *Enzyklopädie*, 2012, § 406-Z: “(...) die Funktion des lesteren anmßt und der Geist, indem er die Herrschaft über das zu ihm gehörige Seelenhafte verliert, seiner selbst nicht mächtig bleibt, sondern selber zur Form des Seelenhaften herabsinkt und damit das dem gesunden Geiste wesentliche objektive (...)”.

¹⁵³ Hegel, *Enzyklopädie*, § 408: “(...) um der Unmittelbarkeit, in der das Selbstgefühl noch bestimmt ist, um des Moments der Leiblichkeit willen, die darin noch ungeschieden

o sujeito, experimentando-se, exerce subjetividade e começa a construir (ainda inconscientemente) consciência racional; nesse processo conhece-se total e imediatamente – e não fragmentado – integrando na sua hierarquia psicológica a corporalidade emocional à qual está ancorada. Não o conseguindo fica “sujeito à enfermidade”. Por outro lado, se a normal progressão psíquica prevalecer edificando consciência, o espírito realiza o desejo de se conhecer totalmente, constrói um *Eu* forte, autónomo e livre, um espírito todo *em-si* e *para-si*, o primeiro grande momento ontológico da Filosofia do Espírito.

A loucura, durante a qual o sujeito, sentindo-se oprimido, experimenta a rutura íntima e luta pela posse da função da subjetividade, é também o *topos* onde a força vital impulsiona o espírito para a infinitude de si, precisamente porque enfrenta o desafio máximo, a luta dentro de si mesmo. Por isso, pela possibilidade de encarar a infinitude, Hegel diz que a loucura é “um privilégio”¹⁵⁴. Esse fenómeno tem essencial e didaticamente duas formas: ou a pessoa, isto é, o espírito, (a) não avança e regride para formas abstratas da existência, ou (b) caminha de forma mutilada para o mundo como fenómeno em sofrimento e com dificuldade em ser livre.

Tendo sido um marco (pouco divulgado) na História médico-filosófica, Hegel, na sua nosologia identifica a raiz comum a todas as formas de loucura ou desordem mental¹⁵⁵: bloqueio efêmero na fluência dialético-especulativa para ontologicamente se consubstanciar como um todo consciência, a primeira conformação onde a natureza corporal impulsiva, os sentimentos, as emoções e as representações do inconsciente emocional con-vivem com a infinitude racional.

O dialético produz a transformação interior que instaura ordem ontológica, simbólica e representativa¹⁵⁶ de forma a sustentar a *pro*-jeção individual para os estágios mais elevados do existir humano, como a vida ética¹⁵⁷ ou a arte, mais adequados à verdade do espírito que é ser livre, isto é, que manifestam liberdade e se conhecem livres: “o problema principal do pensamento de Hegel é o do significado ou do sentido, e não o de um ser fundamental originário [...] a filosofia e sistemática hegeliana não podem ser senão um

von der Geistigkeit ist, und indem auch das Gefühl selbst ein besonderes, hiermit eine partikuläre Verleiblichung ist, ist das obgleich zum verständigen Bewußtsein gebildete Subjekt noch der Krankheit fähig, daß se in einer Besonderheit seines Selbstgefühls beharren bleibt, welche es nicht zur Idealität zu verarbeiten und zu überwinden vermag”.

¹⁵⁴ Ibidem, § 408-Z.

¹⁵⁵ Ibidem.

¹⁵⁶ Žižek, *Less than nothing*, 331.

¹⁵⁷ Lewis, *Habit, reflection and freedom*, 3: “(...) Hegel’s Anthropology (...) provides for our understanding of Hegel’s ethics and politics”.

pensamento do encontro”¹⁵⁸, uma comunhão do homem consigo mesmo e com o mundo. É o que sustenta S. Žižek, que “o verdadeiro ponto da ‘loucura’, não é o puro excesso da ‘noite do mundo’, mas a loucura da passagem para o simbólico, a imposição da ordem simbólica no caos da realidade”¹⁵⁹.

A separação interior, persistindo, evolui para as formas de sofrimento extremo que Hegel classifica e apresenta. São elas, as patologias fisiológico-genéticas do cérebro, como a *demência*, e as categorias nosográficas de caráter psicológico como o moderno *transtorno afetivo bipolar* e a *esquizofrenia*¹⁶⁰.

Jon Mills resume de forma clara a raiz hegeliana da loucura: “o movimento lógico da dialética é suspenso numa fixação e/ou regressão”¹⁶¹. Portanto, se é o bloqueio dialético que provoca a estagnação psíquica, a solução para resolver o sofrimento associado à “depressão da vida auto-consciente”¹⁶² é precisamente desbloquear, recuperando, a atividade racional-dialética¹⁶³. Na lógica hegeliana, num registo metapsicológico, a recuperação da atividade dialética restaura a capacidade de concepção, reconversão, transformação e mutação das categorias do pensamento que têm a primazia do agir que, por sua vez, do que o sujeito recebe do mundo, reestrutura a *arquitetura ontológica na profundidade*¹⁶⁴.

Segundo Pinel, com o qual Hegel concorda, apesar de haver categorias neurológicas subjacentes à desordem e ao sofrimento mental, *na maioria das condições não há doença orgânica, e portanto, a resolução terapêutica é psicológica*¹⁶⁵. O desbloqueio psicológico e a revitalização da consciência

¹⁵⁸ Ferrer, *A génese do significado*, 7-8.

¹⁵⁹ Žižek, *Less than nothing*, 331: “(...) the true point of ‘madness which is not the pure excess of the ‘night of the world’, but the madness of the passage to the symbolic itself, of imposing a symbolic order onto the chaos of the Real”. A *Antropologia* hegeliana constitui também uma resposta à pergunta deste filósofo, na página 334: “How do we pass from the ‘natural’ to the ‘symbolic’ environment?”.

¹⁶⁰ Berthold-Bond, *Hegel’s theory of Madness*, 20-21.

¹⁶¹ Mills, *The unconscious abyss*, 162: “The logical movement of the dialectic is suspended in a fixation and/or regression (...) it becomes paralyzed (...)”.

¹⁶² Hegel, *Enzyklopädie*, § 392.

¹⁶³ Ibidem, §408-Z. O paralelismo com a psicanálise freudiana é evidente. Tal como para Hegel a mediação do conflito psíquico e a edificação de consciência é o que permite ao sujeito escapar à loucura, para Freud é a racionalização dos desejos íntimos, isto é, tomada (formação) de consciência. O paralelismo entre os dois também foi tratado nos ensaios de hermenêutica de Paul Ricoeur, no texto *Les conflits des interprétations* (Paris: Ed. Seuil, 1975).

¹⁶⁴ Stephen Houlgate, *The openings of Hegel’s Logic* (Indiana: Purdue University Press, 2006), 9-16.

¹⁶⁵ Hegel, *Enzyklopädie*, § 408. A referência histórico-psiquiátrica para o tratamento psicológico, ou moral (que não é físico), é o texto de P. Pinel, *Traité médico-philosophique sur l’aliénation mentale ou la manie* (Paris: Ed. J. A. Brosson, 1809).

é possível justamente porque cada pessoa em sofrimento psicológico possui sempre um “resíduo de razão”¹⁶⁶ que pode ser estimulado. Hegel não se remete a generalizações, compromete-se, e dá como exemplo do que instiga ao diálogo psíquico interior e à consequente projeção do indivíduo no mundo na forma de atividade, o *trabalho*¹⁶⁷. A atividade laboral, que estendemos a todos os tipos de atividade com vista a participação e integração comunitária, obriga à resolução dos conflitos intrapsíquicos porque a pessoa se vê perante desafios que tem de resolver *organizando-se interiormente*¹⁶⁸: “reintegrar o paciente no mundo com os outros”¹⁶⁹. Em termos ontológicos, o espírito reanima-se e cria ou recria mediações psíquicas que o autonomizam, isto é, libertam.

4. Conclusão

A questão do estatuto da natureza do sofrimento e dos transtornos mentais é atualmente o tópico intelectual dominante na relação entre a Filosofia, a Psicologia e a Psiquiatria/Psicanálise.

O que estudámos com Hegel permite, num estrato mais profundo, afirmar o carácter antropológico da sua filosofia (como se alguma frase sua não o fosse), notar que foi ele que, ao mesmo tempo que resolveu o irreconciliável humano, evidenciou já as bases filosóficas do pensamento fenomenológico e existencialista que dominou os séculos XIX e XX.

Num nível mais prático – como era do apanágio de Hegel –, questiono a conceção mecanicista moderna e contemporânea de desordem mental e apresento uma solução mais afastada da artificialidade psicobiológica, portanto, mais antropológica, partindo de uma conceção de “mental” (a)afastada da ideia de um abstrato estável, inamovível e transcendente e (b)de uma conceção biológica, antes, afirmo-a como realidade psíquica com capacidade intrínseca para se atualizar e que envolve dinamicamente as três conformações do conhecimento imediato de si¹⁷⁰ (*o espírito subjetivo*): psique, consciência e inteligência.

¹⁶⁶ Ibidem: “Rest von Vernunft”. Ver ainda Mills, *The unconscious abyss*, 195.

¹⁶⁷ Ibidem.

¹⁶⁸ Berthold-Bond, *Hegel's theory of Madness*, 203: “For both Hegel and Pinel, the basic goals of moral therapy – to reinforce the patient's rationality, their sense of hope, and their ability to reestablish connections to the outer world – are most effectively realized through the use of labor”.

¹⁶⁹ Hegel, *Lectures*, 17.

¹⁷⁰ Hegel, *Enzyklopädie*, § 387.

Imune aos constrangimentos da sua época, Georg Wilhelm F. Hegel, mostra que a loucura não é extra-humana e provocada por algum mecanismo causal que “infeta” o homem. É um fenómeno da maturação psíquica que habita o seio da própria razão¹⁷¹, que, quando confrontada com a presença do outro de si (onde se inclui o mundo), a irracionalidade ou o *não-ser*, sustém ou, pelo menos, diminui a capacidade auto-concetiva que caracteriza a sua dinâmica psíquica, a vitalidade mental. É exatamente este, o núcleo ontológico da loucura e do consequente desequilíbrio da vida íntima que caracteriza as desordens mentais.

Sendo o homem naturalmente livre¹⁷² e dialeticamente dotado, possui em si tudo o que precisa para ultrapassar aquele bloqueio e realizar o primeiro grande momento do espírito: conhecer-se, representar-se imediatamente como *Eu* da consciência e estabelecer uma base ontológica de suporte para as esferas superiores do existir. A explicação atomista, determinista, materialista, mecanicista e causalista da vida psíquica humana como soma de partes, como se vê, é insuficiente. Existe uma realidade psicossocial que não está inscrita no fisiológico que mostra inconsistência relativamente à compreensão da autonomia e capacidade de autosuperação que caracteriza a realidade psíquica, fenómeno antropológico por excelência e sustentação das relações pessoais, familiares, sociopolíticas ou artístico-religiosas.

O contributo de Hegel para o estudo da desordem mental é precioso tendo em consideração a complexidade do tema: desde a profundidade filosófica com que o trata, ao modo como se compromete com cada desenlace particular, passando pelo estudo da raiz da loucura e pela importância do contexto mundano, à descrição e classificação das suas formas extremas, pela noção de *exame mental diagnóstico*¹⁷³ ainda hoje usado, e a “psicoterapia dialética”¹⁷⁴ que claramente antecede, não apenas a psicanálise freudiana, mas qualquer tese contemporânea sobre a vida mental. O espírito hegeliano não é, como o vê a psicologia racional, um espírito desligado da materialidade, do seu corpo. Apesar da primazia racional-dialética, a corporalidade é

¹⁷¹ O autor sublinha este tópico e o seu carácter radical, típico do questionamento de Hegel: se a loucura é exterior à razão ou apenas uma hipérbole do núcleo racional. Para Hegel é interior à razão que é em si, já sempre, hiperbólica.

¹⁷² Heney Harris, *Toward the sunlight, 1770-1801* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1972), 249-250. O ensaio hegeliano “Sistema-programa inicial do idealismo alemão” já previa que a primeira premissa metafísica não era Deus, mas *Eu, ser absolutamente livre*.

¹⁷³ Hegel, *Enzyklopädie*, § 408-Z. Sobre o *Exame do Estado Mental* em Psiquiatria ver Fulford et al., *Oxford Textbook*, 5.

¹⁷⁴ Mills, *The unconscious abyss*, 194-201. Ver ainda “Hegel’s Pinelian Heritage: ‘Moral Treatment’ and the Imperative of Labor”, in: Berthold-Bond, *Hegel’s theory of Madness*.

absolutamente fundamental¹⁷⁵. O homem integral hegeliano surge como ser que realiza na finitude corpórea a infinitude espiritual, a liberdade, tese filosófica que, para espanto da corrente personalizada de críticos resolve as duas grandes questões da filosofia clássica: o dualismo corpo-mente e a querela dos universais.

Cada homem tem naturalmente todas as condições para a plena realização de si, participando ainda no existir do seu semelhante: “o ser concreto de um indivíduo envolve a totalidade dos seus interesses básicos, do essencial das relações empíricas nas quais ele está com os outros e do mundo em geral. Esta totalidade constitui a sua atualidade”¹⁷⁶, ou seja, a nossa realidade. As qualidades naturais, contrariamente ao caráter exclusivamente abstrato e absolutamente racionalista que erradamente lhe é atribuído, vimo-lo, *não são exteriores à humanidade*¹⁷⁷, e a importância da relação com o mundo é primordial: “sem tal mundo individual, a alma humana não possui qualquer atualidade”¹⁷⁸, ou seja, existir concreto. Segundo Richard D. Winfield, Hegel “apresenta a mente não como um resultado do organismo animal, mas incorporando esse organismo como elemento constitutivo da vida mental”¹⁷⁹.

Estas qualidades naturais intrínsecas à corporalidade e a relação que com elas o espírito experimenta, passando a conhecer-se, constituem a fase imediata do espírito, a vida consigo mesmo, o espírito subjetivo, que está na base de todo o desenvolvimento posterior, e a loucura (*Verrücktheit*) surge na vida como etapa caracterizada por dificuldades inerentes à dinâmica mental na fase imatura da estruturação psíquica. Nela, o sujeito experimenta a frustração existencial da incapacidade aperceptiva de si mesmo uno¹⁸⁰, *Eu*. Sofre. A dimensão do prazer é evidente. A incapacidade para se aperceber de si

¹⁷⁵ Ferrer, “Hegel e as patologias da ideia”, 139: “Tratamos do espírito, na sua relação com a natureza (...) em processo de auto-diferenciação e constituição, entre natureza e espírito (...) o longo caminho da sua apreensão e informação de si na existência natural e corpórea, sem a qual o espírito não é pensável”.

¹⁷⁶ Hegel, *Enzyklopädie*, § 406: “Zum konkreten Sein eines Individuums gehört die Gesamtheit seiner Grundinteressen, der wesentlichen und partikulären, empirischen Verhältniss, in denen es zu anderen Menschen and zur Welt überhaupt steht”.

¹⁷⁷ Ibidem, § 391.

¹⁷⁸ Ibidem, § 402-Z: “(...) denn ohne eine solche individuelle Welt würde, wie gesagt, die menschliche Seele überhaupt keine Wirklichkeit haben, nicht zur bestimmt unetrschiedenen Einzelheit gelangen”.

¹⁷⁹ Winfield, *Hegel and mind*, 5: “Hegel here presents mind not just as a result of the animal organism, but as incorporating that organism as a constitutive element of mental life”.

¹⁸⁰ Stephen Priest, *Hegel's critique of Kant* (Oxford, Oxford University Press, 1987), 6.

todo uno contrapõe-se ao *prazer da atualização*¹⁸¹ como *Eu* da consciência. Assim, na rutura, a razão fica imediatamente sem *o controlo da conduta e das satisfações dos desejos, implícitos na subjetividade*¹⁸².

A falta de clareza conceptual, a obscuridade científica da base de sustentação teórica das categorias psiquiátricas, os efeitos gravíssimos e irreversíveis dos psicofármacos¹⁸³ e a rejeição de formas mais humanas e eficazes¹⁸⁴ de terapêutica psicológica¹⁸⁵, sustentam a crítica ao modelo mecanicista bio-psico-farmacológico da psiquiatria contemporânea que domina o panorama médico e impõe o modelo de abordagem ao sofrimento mental.

Os números relativos ao consumo de psicotrópicos, por exemplo, em Portugal, Espanha e E.U.A., são alarmantes¹⁸⁶. Há milhões de crianças a tomar psicotrópicos neste momento. Mas a área de influência da psiquiatria não se restringe à explicação do sofrimento mental; impõe a toda a realidade humana uma explicação psiquiátrica/psicanalítica: das escolhas individuais à dinâmica socioeconómica, da Literatura ao Direito, até à própria História. Vivemos uma *epidemia de psicanálise*¹⁸⁷. Se ligarmos a rádio ou a TV encontramos um psiquiatra que tudo explica: da política da educação do governo aos atentados bombistas, das escolhas gastronómicas às motivações desportivas. Tudo parece ser determinado por uma causa inexorável explicada pelas teses psiquiátricas/psicanalíticas.

Pergunta: com tantas provas de que os psicofármacos danificam e influenciam negativamente a vida mental, por que razão não se procura uma outra explicação para os casos aberrantes da vida real¹⁸⁸ e se insiste exclusi-

¹⁸¹ Bernard Bourgeois, *Encyclopédie des sciences philosophiques I, La science de la logique* (Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1979), 18; ou ainda Petry, *Hegel's Philosophy of Subjective Spirit vol. I*, 151.

¹⁸² Petry, *Hegel's Philosophy*, 576-577.

¹⁸³ Pires, *E quando o rei vai nu*, 55 ou, por exemplo, 70.

¹⁸⁴ Pardo e Alvarez, *La invención*, 19.

¹⁸⁵ Pires, *E quando o rei vai nu*, 49.

¹⁸⁶ Pardo e Alvarez, *La invención*, 14: "(...) las categorías diagnosticadas han crecido más de 200% (pasando de poco más de 100 en 1952 a casi 400 en 2000) (...) Si se tiene en cuenta que a finales del siglo XIX había unas ocho categorías (...) el consumo de antidepresivos en España (siguiendo tendencias internacionales) se ha triplicado en diez años, pasando de 7.285.182 envases vendidos en 1994 a 21.238.858 en 2003 (...) sin contar las prescripciones de los psiquiatras en sus consultas privadas".

¹⁸⁷ Elliott, "Mental illness and its limits", 426.

¹⁸⁸ Tendo em consideração o alcance prático deste artigo, deixo alguns exemplos do quotidiano em Portugal. Em fevereiro de 2016, Sónia Lima conduziu o seu automóvel até à praia de Caxias e entrou com as filhas no mar com a intenção de se matar a si e a elas. A televisão pública (RTP 3) convidou um psiquiatra para comentar o caso e ficou desde logo cabalmente estabelecido que se tratava de uma pessoa com doença mental (depressão) e que a doença é que é a causa desta ação. Ninguém questionou a possibilidade de

va e reiteradamente nas causas médicas, isto é, psiquiátricas, e nas respetivas terapêuticas com psicotrópicos?

O modelo aqui rejeitado é antropologicamente insuficiente porque ignora que “o homem é implicitamente racional”¹⁸⁹, infinitamente livre¹⁹⁰, possui naturalmente capacidade para a autossuperação e para a resolução das constricções psíquicas que vai vivendo consigo mesmo no quotidiano que o atinge. O indivíduo é capaz de ultrapassar a conflitualidade interior que caracteriza a loucura e provoca a *angústia*, sentimento originário da existência que o filósofo previu e resolveu antes de Kierkegaard, como podemos constatar nas *Lições sobre a Filosofia do Espírito 1827-1828*¹⁹¹.

A dimensão contextual permite compreender que fenómenos como o sofrimento existencial, apropriado pela Psiquiatria com o termo Esquizofrenia¹⁹², por exemplo, não têm uma expressão fixa. Variam. Mas, na raiz do conflito psíquico está o bloqueio dialético-racional com regressão ou permanência em estados de desenvolvimento psíquico imaturos caracterizados por vazio antropológico.

os psicotrópicos poderem ter contribuído para este comportamento. Muito menos se, e de que modo, possa ter sido uma ação absolutamente consciente. Em junho deste mesmo ano, em Barcelos, uma mulher caminhou até a uma ponte, pegou no filho de 6 anos e atirou-se com a intenção de pôr fim à vida de ambos. O título de um jornal nacional foi “Depressão leva mulher a atirar-se com filho mais velho ao colo”. Por fim, em Aguiar das Beiras, em outubro de 2016, Pedro Dias, (supostamente) executou 2 agentes da GNR (1 sobreviveu) e 2 civis (1 deles, hoje, 18/10/2016, está a lutar pela vida). Os meios de comunicação afirmaram que o indivíduo é psicopata, “tem uma psicopatologia”; o seu médico de família, que o conhece há cerca de 30 anos diz que não, que ele não é psicopata. Em quem devemos acreditar? O que acontece na vida mental com implicações graves no agir, como estes casos, são desequilíbrios ao nível da organização mental do que se percebe do mundo, onde falta maturidade intelectual, ou são ações induzidas por substâncias bioquímicas? São inexoráveis, isto é, o sujeito que os praticou não os podia evitar de modo absolutamente nenhum? A intervenção médica “trata” ou “entorpece”? Segundo Philip Gerrans, em “Delusions as performance failures”, in *Cognitive neuropsychiatry* 6 (Adelaide: University of Adelaide, 2001), 161, “(...) delusions are failures of pragmatic rationality”. E, porque razão só é considerado “doente mental” alguém que pratica o mal? Porque não considerar que um bombeiro que entra num edifício a arder, seja “doente mental”? Há, afinal, uma dimensão moral?

¹⁸⁹ Hegel, *Enzyklopädie*, § 393-Z: “Mensch ist an sich vernünftig”.

¹⁹⁰ Ibidem, § 382-Z.

¹⁹¹ Hegel, *Lectures*, 66.

¹⁹² Jenner et al., ‘Esquizofrenia’, 70: “Esta forma de conhecimento não se baseia na filosofia cartesiana, antes assenta no facto de nós sabermos efetivamente o que são os homens, o que vem a ser a ação, o que é ter intenções e motivações – o que nos permite tentar compreender e interpretar (de forma a que cada qual se sinta em sua casa no mundo humano) aquilo a que Hegel (mazlich, 1966) chamou *bey sich selbst seyen*”.

Hegel lega ainda uma hipótese vanguardista e futurista: a possibilidade de uma disciplina que estudasse a influência que a força psíquica pode ter na corporalidade. Essa disciplina seria a “Fisiologia Psíquica”¹⁹³ e dedicar-se-ia a encontrar modificações fisiológicas como a irritabilidade nervosa ou a pressão sanguínea provocadas pela força do ânimo psíquico, isto é, pela força da capacidade de ser. Na verdade, já foram feitos alguns estudos sobre este tópico. Um deles conclui, referindo-se ao Judo, que sendo uma modalidade que obriga o desportista a decidir e agir rapidamente, promove reorganizações sinápticas no cérebro¹⁹⁴, isto é, recria conexões dos neurónios entre si, facto constatado nos efeitos de carácter terapêutico produzidos em pacientes epiléticos¹⁹⁵. A conceção de estímulo da capacidade dialético-racional como terapêutica tem aqui um testemunho válido e promissor.

A unificação de uma suposta eterna irreconciliabilidade interior ao homem, na sua vida individual ou na sua existência sociopolítica, artística ou religiosa, que a filosofia clássica alemã procura¹⁹⁶, tem na filosofia de Hegel o apogeu. A loucura, conflito máximo que o espírito humano pode experimentar deixa de ser uma equação metafísica ou um problema da razão pura e mostra ser uma questão da própria vida: “a perspectiva da reflexão está ainda subordinada à superior perspectiva da própria vida”¹⁹⁷.

A infinitude que caracteriza a universalidade humana, onde a superioridade racial não tem lugar¹⁹⁸, tal como a luz do Sol, dispersa-se e efetiva-se em cada um dos seres¹⁹⁹, em cada homem, como vida e vontade: “Deus torna-se homem”²⁰⁰, agente do amor de si mesmo, livre e capaz de se realizar infinitamente. Mais do que pode imaginar.

¹⁹³ Hegel, *Enzyklopädie*, § 401.

¹⁹⁴ Mikheev et al., “Motor control and cerebral hemispheric specialization in highly qualified judo wrestlers”, *Neuropsychologia*, 40(8) (2002), 1209-1219, acedido em 06/04/2016, <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11931924>.

¹⁹⁵ Arida et al., *Judo: Ippon scored against epilepsy*, in “Epilepsy & Behaviour”, 17 (2010), 136.

¹⁹⁶ Dieter Henrich, *Between Kant and Hegel: lectures on German Idealism* (Harvard: Harvard University Press, 2008), Prefácio.

¹⁹⁷ Henry Harris, *Hegel's development: toward the sunlight 1770-1801* (Oxford: Oxford University Press, 1972), xxi.

¹⁹⁸ Hegel, *Enzyklopädie*, § 393-Z.

¹⁹⁹ Ibidem, § 390-Z.

²⁰⁰ Ibidem, § 393-Z.

5. Bibliografia

- American Psychiatric Association. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. Washington: A.P.A., 1980.
- American Psychiatric Association. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. Washington: A.P.A., 1994.
- Arida et al.. “Judo: Ippon scored against epilepsy”. *Epilepsy & Behaviour* 17, 2010.
- Beiser, Frederick. “The Enlightenment and idealism”, in *The Cambridge companion to German idealism*, ed. Karl Ameriks. Cambridge: C.U.P., 2000.
- Berthold-Bond, Daniel. *Hegel's theory of Madness*. Nova Iorque: S.U.N.Y. Press, 1995.
- Boorse, Christopher. “What a theory of mental health should be”. *Journal of Theory and Social Behaviour* 6 (1976).
- Bourgeois, Bernard. *Encyclopédie des sciences philosophiques I, La science de la logique*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1979.
- Breggin, Peter. *The antidepressant fact book*. Cambridge: Perseus Book Group, 2001.
- Burns, Tom. *Psychiatry, a very short introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2006.
- Caldeira, Rui. *Filosofia e Psiquiatria: loucura, dialéctica e liberdade. Da Antropologia de Hegel à abordagem crítica e fenomenológica da Psiquiatria no século XX*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015.
- Carmo Ferreira, Manuel. *Hegel e a justificação da Filosofia*. Lisboa: I.N.C.M., 1992.
- Christensen, Darel. “Hegel’s Phenomenological Analysis and Freud’s Psychoanalysis”. *International philosophical quarterly* 8 3 (1968).
- Elliott, Carl. “Mental illness and its limits”. *The Philosophy of Psychiatry*, org. Jennifer Radden. Nova Iorque: Oxford University Press, 2004.
- Ferrater Mora, José. *Dicionário de Filosofia II*. Barcelona: Ariel, 1994.
- Ferrer, Diogo. *A génese do significado. Introdução ao pensamento de Hegel*. Porto: Fund. A.J.A., 2016.
- Ferrer, Diogo. “Hegel e as patologias da ideia”. Coimbra: *Revista Filosófica de Coimbra* 27, 2005.
- Ferrer, Diogo. *Lógica e realidade em Hegel, a ciência da Lógica e o problema da fundamentação do Sistema*. Lisboa: Centro de Filosofia, 2006.
- Fialko, Nathan. “Hegel’s view on mental derangement”. *Journal of abnormal and social psychology*. Nova Iorque: Manhattan State Hospital, 1930.
- Fulford, William et al.. *Oxford Textbook of Philosophy and Psychiatry*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2006.
- Gerrans, Philip. “Delusions as performance failures”. *Cognitive neuropsychiatry* 6. Adelaide: University of Adelaide, 2001.
- Harris, Henry. *Hegel's development: toward the sunlight 1770-1801*. Oxford: Oxford University Press, 1972.
- Hegel, G.W.F.. *Enzyklopädie der Philosophischen Wissenschaften III, Werke* 10. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 2012.

- Hegel, G.W.F.. *Lectures on the Philosophy of Spirit 1827-1828*, trad. Robert Williams. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007.
- Hegel, G.W.F., *Introdução às lições sobre História da Filosofia*, trad. José Barata-Moura. Porto: Porto Editora, 1995.
- Hegel, G.W.F., *Phänomenologie des Geistes*, Werke 3. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1986.
- Henrich, Dieter. *Between Kant and Hegel: lectures on German Idealism*. Harvard: Harvard University Press, 2008.
- Houlgate, Stephen *The openings of Hegel's Logic*. Indiana: Purdue University Press, 2006.
- Jenner, F. et al. 'Esquizofrenia', *uma doença ou alguns modos de se ser humano?* Lisboa: Ed. Caminho, 1992.
- Kendell, Robert, "The concept of disease and its implications for psychiatry". *British Journal of Psychiatry* 127 (1975).
- Laing, Ronald. *The divided self*. Nova Iorque: Pantheon Books, 1960.
- Malabou, Catherine. *L'avenir de Hegel: plasticité, temporalité, dialectique*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1996.
- Mills, Jon. "Dialectical Psychoanalysis: Toward Process Psychology". *Psychoanalysis and Contemporary Thought* 23 3 (2000).
- Mills, Jon. *The unconscious abyss, Hegel's anticipation of Psychoanalysis*. Nova Iorque: S.U.N.Y. Press, 2002.
- Mikheev et al.. "Motor control and cerebral hemispheric specialization in highly qualified judo wrestlers". *Neuropsychologia*, 40(8) (2002), 1209-1219, acedido em 07/04/2016, <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11931924>.
- Pardo, Héctor e Marino Alvarez, *La invención de los trastornos mentales*. Madrid: Alianza Editorial, 2007.
- Petry, Michael. *Hegel's Philosophy of subjective spirit*, vol. 1: *Introductions*. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1979.
- Petry, Michael. *Hegel's Philosophy of subjective spirit*, vol. 2: *Anthropology*. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1979.
- Pinel, Philippe. *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale ou la manie*. Paris : Ed. J. A. Brosson, 1809.
- Pippin, Robert. *Hegel's Idealism: the satisfactions of self-consciousness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- Pires, Carlos. *A Depressão não é uma doença: saiba porque a Depressão não é uma doença nem existem anti-depressivos*. Leiria: Ed. Diferença, 2002.
- Pires, Carlos. *E quando o rei vai nu: os problemas e as vítimas das drogas psiquiátricas*. Leiria: Ed. Diferença, 2003.
- Pires, Carlos. *A depressão e o seu tratamento psicológico*. Leiria: Ed. Diferença, 2004.
- Priest, Stephen. *Hegel's critique of Kant*. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- Szasz, Thomas. *The myth of the mental illness: foundations of a theory of personal conduct*. Nova Iorque: Harper Collins Publishers, 2010.
- Winfield, Richard. *Hegel and mind: rethinking philosophical Psychology*. U.K: Palgrave Macmillian, 2010.

Žižek, Slavoj, *Hegel & Infinite, Religion, Politics, and dialectic*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2011.

Žižek, Slavoj. *Less than nothing: Hegel and the shadow of dialectical materialism*. Londres: Verso, 2013.